

Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

**CARACTERIZAÇÃO E TIPIIFICAÇÃO DO TURISMO RURAL EM IPEÚNA-SP:
POTENCIAIS E AGENTES ENVOLVIDOS**

Matheus Sanaiotti Marconi

Prof(a).Dr(a). Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

Rio Claro (SP)

2019

CARACTERIZAÇÃO E TIPIIFICAÇÃO DO TURISMO RURAL EM IPEÚNA-SP: POTENCIAIS E AGENTES ENVOLVIDOS

Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

Matheus Sanaïotti Marconi

Prof(a). Dr(a). Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

MATHEUS SANAIOTTI MARCONI

CARACTERIZAÇÃO E TIPIFICAÇÃO DO TURISMO
RURAL EM IPEÚNA-SP: POTENCIAIS E AGENTES
ENVOLVIDOS

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências
Exatas - Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Licenciatura em Geografia.

Rio Claro - SP

2019

M321c Marconi, Matheus Sanaioti
Caracterização e tipificação do turismo rural em Ipeúna/SP:
Potenciais e Agentes Envolvidos / Matheus Sanaioti Marconi. -- Rio
Claro, 2019
93 p. : tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (-) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio
Claro
Orientadora: Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

1. Caracterização. 2. Ipeúna. 3. Potenciais turísticos. 4. Tipificação.
I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MATHEUS SANAIOTTI MARCONI

CARACTERIZAÇÃO E TIPIFICAÇÃO DO TURISMO RURAL EM IPEÚNA/SP: Potenciais e Agentes Envolvidos

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências
Exatas - Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Licenciatura em Geografia.

Comissão Examinadora

Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira (orientadora)

João Carlos Geraldo

Mara Lígia Scotton de Carvalho

Rio Claro, _____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Finalizar um trabalho tão importante para minha formação como geógrafo é algo que me enche de alegria e que com certeza seria impossível sem o apoio, a compreensão e a amizade de pessoas queridas que foram fundamentais durante essa caminhada. Dessa forma, quero expressar minha gratidão a todas essas pessoas que estiveram juntas a mim não só nesses quatro anos de graduação, mas sim por toda a vida, contribuindo para minha formação profissional e como ser humano.

Primeiramente, quero agradecer a Professora Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, por possibilitar meu ingresso à pesquisa dentro do Núcleo de Estudos Agrários – NEA. Obrigado pela paciência, por todo o conhecimento transmitido através das conversas e orientações e, principalmente pela amizade. Admiro-te muito, obrigado pelos ensinamentos.

A toda minha família, em especial aos meus pais, Arnaldo Donizetti Marconi e Teresa Sanaiotti Marconi; meus irmãos Cássia e Lucas; Laís, Edson, Guilherme, Milena e minha avó Anézia. Obrigado por todo apoio e por sempre acreditarem em mim, sem vocês nada teria acontecido. Amo-lhes.

Aos meus amigos e companheiros de pesquisa do Núcleo de Estudos Agrários (NEA - Rio Claro) Murilo, Isadora e Mara, obrigado pela amizade, pelos ensinamentos e por todas as trocas de experiência durante nossos grupos de estudos, trabalhos de campo, eventos, enfim, esse trabalho não aconteceria sem vocês. Agradeço também aqueles que já passaram pelo NEA, em especial a Matheus Gonçalves e Sibeli Fernandes.

A Rodrigo de Jesus, pela amizade, auxílio na produção de materiais cartográficos e parceria durante o longo processo de alimentação do banco de dados.

A Fábio Travitzki, Paulo Tossini, Vinicius Cerchiaro, Leonardo Nemésio, Bruna, Ruan, Lucas Chebat, Danilo, Leandro, Dmitry, Yuri Idalgo, Rodrigo Ruffino e Thales Henrique, grandes amizades conquistadas em Rio Claro, pessoas que fizeram total diferença tornando essa caminhada mais divertida e cheia de histórias boas para contar.

Aos meus amigos Fernando Tófoli, Natália e Daniela, pelo incentivo e por serem os principais influenciadores no meu ingresso ao mundo universitário. Agradeço também aos

meus amigos Mateus Moda, Felipe Coutinho, Ricardo, Marília e Gabrielle, obrigado por todas as conversas, conselhos e risadas.

Enfim, só tenho a agradecer as pessoas que de alguma forma fizeram parte da minha caminhada, saibam que a construção desse trabalho de conclusão de curso só foi possível graças a cada um de vocês. Desculpe qualquer coisa e, mais uma vez, muito obrigado a todos.

RESUMO

Este trabalho se ocupa em discutir o desenvolvimento do turismo rural em Ipeúna-SP, que atualmente se destaca por ser designado a “Capital da Agricultura Natural” e conter um espaço rural organizado, marcado por uma paisagem diversa e um grande número de pequenas propriedades, trabalhadas pelos proprietários e suas famílias. Aliado a isso, Ipeúna possui diversas belezas naturais e paisagísticas que já atraem visitantes e turistas, fatores esses que levaram o município a tornar-se um Município de Interesse Turístico-MIT. Ao entender o turismo como algo novo para o desenvolvimento rural de Ipeúna, foi realizado o levantamento dos principais conceitos relacionados a esta prática, principalmente os que dão possibilidade ao turismo em meio rural. Desse modo, cabe a este trabalho e sua metodologia compreender, caracterizar e tipificar os atrativos que qualificam o turismo de Ipeúna-SP, ou seja, as especificidades e potencialidades que contribuem para que as atividades turísticas sejam desenvolvidas em seu espaço rural.

Palavras chaves: Caracterização. Ipeúna-SP. Potenciais turísticos. Tipificação.

ABSTRACT

The aim of this work is to discuss the development of rural tourism in Ipeúna-SP, which is a remarkable town referred to as the “Capital da Agricultura Nacional”, comprising a great number of small, organized rural properties. Besides rural activities, Ipeúna is also recognized as a town of tourist interest (Município de Interesse Turístico – MIT) by comprising several natural wonders and diverse landscapes which are highly attractive for visiting and tourism. Assuming the tourism as a new practice for the rural development of Ipeúna-SP, herein we characterize and typify putative tourism practices within the rural context of this town which may contribute for the development of tourism activities in its rural space.

Keywords: Characterization. Ipeúna-SP. Tourism potential. Typification

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Belezas naturais e paisagísticas – Ipeúna/SP.....	15
Figura 2: Hierarquia do Turismo em Espaço Rural.....	43
Figura 3: Planta do Sítio Invernada, 1896.....	46
Figura 4: Antiga Capela de Santa Cruz de Invernada em dia de homenagem a São Sebastião	47
Figura 5: Porção da Cuesta em território Ipeunense	52
Figura 6: Paisagem proporcionada pela <i>Cuesta</i> em algumas propriedades rurais – Ipeúna/SP	58
Figura 7: Folder da 1ª Passarinhada do Turismo em Ipeúna/ Fotos de algumas espécies de aves encontradas durante os trabalhos de campo	60
Figura 8: Alguns tipos de materiais arqueológicos encontrados em sítios arqueológicos de Ipeúna.....	61
Figura 9: Modalidades esportivas combinada com os elementos naturais do espaço rural de Ipeúna/SP	64
Figura 10: Locais para decolagem frente aos ventos Leste e Norte e área para voo Ipeúna- SP	65
Figura 11: Gruta da Boca do Sapo e Gruta do Fazendão – Ipeúna/SP	67
Figura 12: Principais cachoeiras localizadas em Ipeúna/SP	68
Figura 13: Cachoeira Salto do Nhô Tô, localizado no Parque Ecológico Henrique Barbeta – Ipeúna/SP.....	69
Figura 14: Festividade de São Sebastião em Ipeúna/SP	71
Figura 15: Casarões antigos encontrados na área rural de Ipeúna-SP	72
Figura 16: Construções religiosas em área rural de Ipeúna/SP	73
Figura 17: Construções antigas e Museu Municipal de Ipeúna/SP, ambos situados em área urbana.....	75
Figura 18: Queijos fabricados em propriedades rurais de Ipeúna/SP	77
Figura 19: Fábrica de cerveja artesanal Brew Center – Ipeúna/SP	78
Figura 20: Loja de Artesanatos situada no centro da cidade de Ipeúna/SP	81
Figura 21: Hotel Pousada Country, Camping Recanto do Passa Cinco e Camping Bambuzinho – Ipeúna/SP	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Atividades turísticas em propriedades rurais: Ipeúna-SP	56
Tabela 2: Quantidade de pessoas por faixa etária vivendo no espaço rural de Ipeúna/SP ..	86

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização do Município de Ipeúna (SP)	49
Mapa 2: Mancha Urbana no Município de Ipeúna (SP)	50
Mapa 3: Rede de drenagens do município de Ipeúna (SP)	51
Mapa 4: Propriedades rurais com pontos coletados durante a pesquisa – Ipeúna-SP	54
Mapa 5: Propriedades rurais com atrativos naturais ou paisagísticos – Ipeúna/SP	57
Mapa 6: Propriedades rurais com atrativos turísticos para passeio e/ou prática de esportes – Ipeúna/SP	63
Mapa 7: Distribuição de cavernas e grutas – Ipeúna/SP	66
Mapa 8: Propriedades rurais com atrativos religiosos e/ou culturais – Ipeúna/SP	70
Mapa 9: Propriedades rurais com construções antigas e/ou religiosas – Ipeúna/SP	74
Mapa 10: Propriedades rurais com atrativos de culinária tradicional – Ipeúna/SP	76
Mapa 11: Propriedades rurais com artesanato tradicional – Ipeúna/SP	80
Mapa 12: Propriedades rurais com infraestrutura de hospedagem e lazer – Ipeúna/SP	82
Mapa 13: Cobertura do uso da terra – Ipeúna/SP	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental
CNC	Cadastro Nacional de Cavernas
COMTUR	Conselho Municipal de Turismo
DADETUR	Departamento de Apoio ao Desenvolvimento dos Municípios Turísticos
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
GPS	Sistema de Posicionamento Global
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MFA	Multifuncionalidade da Agricultura
MFP	Multifuncionalidade da Paisagem
MIT	Município de Interesse Turístico
MTur	Ministério do Turismo
NEA	Núcleo de Estudos Agrários
OMT	Organização Mundial do Turismo
OOT	Organismos Oficiais de Turismo
SIG	Sistema de Informação Geográfica
SP	São Paulo
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	13
1.1 O turismo em Ipeúna: panorama e justificativa	13
1.2 As instâncias organizativas do turismo no Brasil.....	17
CAPÍTULO 2	22
2.1 As transformações do mundo rural: o “Novo Rural”	22
2.2 A pluriatividade e a multifuncionalidade na prática turística	27
CAPÍTULO 3	35
3.1 A prática do turismo rural no Brasil	35
3.2 O conceito de turismo rural: tentativas de definição	39
CAPÍTULO 4	45
4.1 Ipeúna: Um breve relato histórico	45
4.2 Ipeúna: Aspectos físico-naturais	49
CAPÍTULO 5	54
5.1 Ipeúna/SP: potenciais turísticos	54
5.2 Turismo em Ipeúna: A importância de políticas públicas e incentivos	86
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

Entendendo a relevância do estudo do turismo na Geografia, que segundo Geraldo (2012), está no fato dessa atividade exercer influência nos processos socioeconômicos e transformadores das paisagens, produzindo transformações espaciais na superfície e nas sociedades, procuramos compreender as principais características que definem o turismo quando este é realizado no meio rural, tendo como área de estudo o município de Ipeúna-SP, a partir de suas particularidades e potencialidades dentro desta modalidade.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de maior amplitude que foi desenvolvida em Ipeúna-SP a partir de um Convênio entre a prefeitura do município e a UNESP de Rio Claro, na qual foram caracterizadas 230 propriedades rurais do município, com aplicação de questionários e pontos (coordenadas) em GPS.

Atualmente, Ipeúna se destaca por ser considerada “Capital da Agricultura Natural” e conter um espaço rural organizado e marcado por uma paisagem diversa e um grande número de pequenas propriedades, trabalhadas pelos proprietários e suas famílias. Aliado a isso, Ipeúna possui diversas belezas naturais e paisagísticas que já atraem visitantes e turistas, principalmente nos finais de semana, chamando a atenção do poder público, que passou a buscar meios para estruturar esta atividade e institucionalizar o turismo rural no município. A partir disto houve a elaboração do Plano Diretor de Turismo de Ipeúna-SP, que proporcionou ao município a candidatura e contemplação no dia 14 de agosto de 2018 como Município de Interesse Turístico – MIT. Com as especificidades apontadas e a atual condição do município para desenvolver-se recebendo visitantes e turistas, é necessário entender os principais conceitos que dão forma ao turismo no espaço rural, visto que esta é uma atividade não-agrícola que tem ganho relevância a partir dos benefícios que tem gerado para os agricultores. É importante também pensarmos nos benefícios que o desenvolvimento desta atividade pode proporcionar para Ipeúna, por conta do papel que o turismo no espaço rural tem na manutenção das paisagens, sendo uma estratégia que vai além das monoculturas e pode auxiliar proprietários em novas formas para obtenção de rendimentos. Dessa forma, partindo de referenciais teóricos, buscamos entender e tipificar o turismo que Ipeúna quer realizar, levantando as potencialidades existentes no meio rural do município.

Para isso buscou-se o levantamento bibliográfico por meio de referenciais teóricos que discutem os principais conceitos que possibilitam o desenvolvimento do turismo rural, partindo do entendimento do turismo praticado fora deste meio e como ele se estabelece no mundo, principalmente a partir de seus resultados econômicos positivos. Posteriormente, foi efetuado o estudo sobre as definições já existentes e mais relevantes sobre o turismo realizado em meio rural, tais como: o Turismo em área rural ou em meio rural, o Agroturismo e o Turismo Rural, ambos frutos de uma nova configuração do espaço rural, ou seja, um espaço que também abriga atividades não agrícolas, no qual o agricultor pode ser pluriativo e a paisagem multifuncional.

Dentro deste contexto o trabalho foi intitulado, abordando o turismo de Ipeúna como Turismo Rural, porém a partir da leitura bibliográfica e do contato com as potencialidades turísticas de Ipeúna, notou-se o distanciamento de atividades turísticas das práticas agrícolas. Desse modo, é correto nomearmos o turismo que ocorre em Ipeúna como turismo em área ou em meio rural.

Para compor este trabalho utilizamos textos que remetem à história de Ipeúna, o Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP, e os dados da pesquisa de maior amplitude, citada acima e intitulada como “Desafios e práticas para o desenvolvimento da agricultura natural e do turismo em espaço rural no município de Ipeúna-SP”, na qual fora aplicado um questionário amplo que caracterizou as propriedades rurais do município e que contava com uma série de perguntas que tinham como objetivo compreender os potenciais turísticos de nossa área de estudo. Desse modo, foram selecionados os dados relevantes com todas as questões desse banco de dados relacionadas ao turismo, aprofundando a análise naquelas propriedades rurais que demonstraram interesse em desenvolver atividades turísticas. Esses dados também proporcionaram a produção de material cartográfico, representando a identificação dos diferentes potenciais turísticos e localização destes, no território e no município.

Para os procedimentos de elaboração de mapas temáticos utilizou-se ortofotografias retificadas na escala de 1: 25.000 com resolução espacial de 1m com escala temporal do ano de 2010, disponibilizada pela Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A (EMPLASA); em relação ao processo de vetorização de elementos foi utilizado o software

de SIG Arcgis 10.3, módulo ArcMap. Para o trabalho de campo foram utilizados GNSS (Global Navigation Satellite System) de navegação GPS Garmin.

A metodologia adotada para o desenvolvimento das atividades pode ser resumida nas seguintes etapas: trabalho de campo no município de Ipeúna SP durante o decorrer do desenvolvimento do projeto, para registro das coordenadas; análise interpretativa das imagens aerofotogramétricas (ortofotos) para definição dos elementos a serem vetorizados, definindo as classes que serviram para a elaboração de mapas temáticos, tais como: Área urbana, Sede das fazendas, Estradas, Rodovias, Ferrovias e mapeamento das sedes das fazendas com potenciais turísticos, utilizando o software de SIG Arcgis 10.3, módulo ArcMap, com o intuito de subsidiar as análises do espaço agrário.

Sendo assim, com a análise dos materiais cartográficos aliados a bibliografia consultada, pudemos entender como estão distribuídas as potencialidades turísticas de Ipeúna e quais são os elementos que dão formas às principais modalidades encontradas em seu território, para assim, compreendermos o turismo a ser realizado pelo município. Desse modo, esperamos que as análises efetuadas neste trabalho auxiliem no desenvolvimento de políticas públicas para o turismo de Ipeúna.

CAPÍTULO 1

1.1 O turismo em Ipeúna: panorama e justificativa

Ipeúna agora é um município turístico. Segundo Korin¹ (2018)

A Capital da Agricultura Natural, Ipeúna foi, desde 14 de agosto de 2018, integrante do grupo de Municípios de Interesse Turístico do Estado de São Paulo, nomeação consentida pela Secretaria de Turismo do Estado como cumprimento à lei nº464/2017. Para ser nomeado Município de Interesse Turístico, Ipeúna passou por uma série de avaliações por parte da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, dentre as quais, pesquisas de campo com visitantes que passavam pela cidade, avaliação de estrutura de serviços médicos emergenciais, qualidade de estrutura de hospedagem e alimentação, serviços de informação turística, infraestrutura básica, formatação de plano diretor de turismo, formação de conselho municipal de turismo e atrativos turísticos. Dessa forma, concluiu-se a “vocação expressiva” de Ipeúna para Turismo de Aventura, com as práticas esportivas de moto cross, jipe, rapel e mountain bike e Turismo Rural. Segundo ainda a Secretaria de Turismo de São Paulo, Ipeúna se destaca no Ecoturismo, com suas grutas e cavernas, Parque Ecológico, Rio Cabeça e Rio Passa Cinco e no Turismo Cultural, graças a seus sítios arqueológicos e a tradicional cerveja de Ipeúna (KORIN, 2018, p. 1).

Como pode ser observado o município a ser estudado já representa no contexto do Estado de São Paulo uma área peculiar, cujas características naturais, sociais e econ micas atraem os olhares daqueles que buscam aventura, tranquilidade e bem estar. Deste modo é importante entender os principais elementos e aspectos que dão forma ao desenvolvimento da atividade turística no meio rural do município de Ipeúna, ou seja, o que o município já oferece como turismo e aquilo que ele ainda pode oferecer analisando, desta forma, suas potencialidades.

Ipeúna localiza-se no estado de São Paulo, mais precisamente em uma latitude de 22 26’09’’ Sul e longitude 47 43’08’’ Oeste, com altitude média de 635 metros. O município situa-se a uma distância de aproximadamente 200 km da Capital São Paulo e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), sua

¹ Fundada em 1994 em São Paulo, a KORIN   uma empresa brasileira seguidora dos princípios da Agricultura Natural, modelo de produ o preconizado por Mokiti Okada (Japão, 1882-1955). É importante ressaltar que a empresa possui um de seus polos no município de Ipeúna/SP.

população é de 7.177 habitantes. Seu território municipal faz limite com cinco municípios, sendo eles: Rio Claro, Piracicaba, Charqueada, São Pedro e Itirapina.

As principais atividades econômicas do município são advindas das práticas agrícolas e industriais e parte da população desenvolve algum tipo de trabalho dentro desses dois contextos produtivos. Atualmente Ipeúna é considerada a “Capital da Agricultura Natural²”, a organização de seu espaço rural é marcada por uma paisagem diversa onde existe um grande número de pequenas propriedades, trabalhadas pelos proprietários e suas famílias.

A partir da leitura de Gonçalves (2018), verifica-se que:

O potencial hídrico de Ipeúna é baseado nos três principais corpos d’água do município, sendo eles: Rio Passa-Cinco, Rio Cabeça e Ribeirão da Água Vermelha; o Rio Passa-Cinco concentra os demais e tem sua foz no Rio Corumbataí, que é a principal bacia hidrográfica da região, abastecendo também os municípios limítrofes (GONÇALVES, 2018, p. 4).

Além do grande potencial na produção agrícola (principal meio de manutenção econômica de muitas famílias), o meio rural de Ipeúna conta com um espaço físico privilegiado por belezas naturais e paisagísticas dentro das propriedades rurais (figura 1), destacando a *Cuesta* de São Pedro, popularmente chamada de “Serra”, “Serrinha” ou “Paredão”, situada no limite dos municípios de Itirapina, Ipeúna, São Pedro e Charqueada. Formada por Cuestas basálticas de até 1000 metros de altitude, com vegetação nativa e animais silvestres, o local já é considerado como referência para o turismo de aventura e do ecoturismo, pois ali se localizam rios e cachoeiras, cavernas, grutas, trilhas e sítios arqueológicos.

²Segundo o Plano Diretor de Turismo de Ipeúna/SP (2017): O destaque da prática produtiva da Agricultura Natural por Ipeúna/SP possibilitou a criação da Lei nº 1228 de 26 de novembro de 2015, que declara o Município de Ipeúna como Capital a Agricultura Natural.

Figura 1: Belezas naturais e paisagísticas – Ipeúna/SP



Fonte: Sibeli Fernandes. Trabalho de campo, 2017/2018.

Como pode ser observado, o meio rural exerce grande relevância para a economia do município de Ipeúna, que possui um belo apelo paisagístico que já é procurado por muitas pessoas nos finais de semana com o objetivo de nadar em rios e cachoeiras, fazer trilhas, conhecer cavernas e grutas, praticar esportes relacionados, etc. Além disso, há no município o Hotel Pousada Country que contém chalés e apartamentos de diversos valores, com uma infraestrutura gastronômica que abrange tanto os seus hóspedes, quanto o público em geral aos domingos, podendo esses se alimentar de comida típica da “roça” servida no fogão a lenha, com uma refeição completa e, ainda, após o almoço, tem a chance de descansar nas redes, levar as crianças para brincar no parquinho, enfim, usufruir e aproveitar toda estrutura que permite, mesmo que por algumas horas, o contato entre as pessoas da cidade com o campo. É importante ressaltar que o Hotel Pousada Country também possui estrutura física para realização de casamentos ao ar livre, no campo e próximo à natureza.

Mesmo com a falta de um projeto de turismo organizacional, o poder público ao analisar a frequência de visitantes e o número de propriedades rurais com reais possibilidades em desenvolver outras atividades além da agricultura e pecuária, com

potencialidades que vão desde a tranquilidade de estar no campo e poder admirar as belezas naturais, até a prática esportiva e o lazer, passou a demonstrar interesse em desenvolver o turismo rural em Ipeúna e com ele alavancar a economia do município a partir da criação de mais empregos.

Pensando nisso foi criado em 2017 o Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP que tem como função apresentar a atual situação do turismo no município, suas potencialidades, necessidades e possibilidades. A partir deste documento Ipeúna pode se candidatar como Município de Interesse Turístico (MIT) amparada pela Lei Complementar nº 1.261, de 29 de abril de 2015, que possibilita aos municípios paulistas o caminho para o financiamento de um projeto turístico sustentável como fator de desenvolvimento local e regional. É importante citar que no dia 14 de agosto de 2018 o município foi contemplado e, a partir de então, passou a receber do governo do Estado de São Paulo verba para desenvolver-se como Município de Interesse Turístico (MIT). Sabendo de todos esses fatores que apontam o interesse e os potenciais do município de Ipeúna em desenvolver-se para o turismo rural, é importante antes entendermos de forma geral como esta atividade se estrutura.

1.2 As instâncias organizativas do turismo no Brasil

Entende-se o turismo rural como uma prática advinda do turismo. Antes de iniciar com as contribuições acerca do turismo é importante destacar a relevância do estudo do turismo na Geografia, que segundo Geraldo (2012), está no fato de essa atividade exercer influência nos processos socioeconômicos e transformadores das paisagens, produzindo modificações espaciais na superfície e nas sociedades. Por isso, a conceituação tem sido gerada por geógrafos dedicados a essa questão. No entendimento de Cruz (2001 apud GERALDO, 2012) o turismo deve ser entendido como a produção e o consumo do espaço. Assim,

A atividade turística é uma prática social que consome elementarmente o espaço, sendo este o principal “produto” procurado pelo turista/consumidor. E, dada a fixidez desse produto, há a necessidade de deslocamento desse consumidor até o objeto de consumo, e não o contrário, como seria a praxe: leva-se o consumidor até o produto, que o consome in loco (GERALDO, 2012, p. 20).

Com isso, percebe-se que a Geografia passa a estudar o turismo a partir da sua relevância na alteração de fatores socioeconômicos e como transformador das paisagens. Estes fenômenos ocorrem no espaço, alterando-o e o consumindo. Desta forma, é de salutar importância analisar os mecanismos dessa prática social na produção e transformação do espaço geográfico.

Em termos históricos o turismo está relacionado ao momento em que o homem deixa de ser sedentário e passa a viajar, principalmente, motivado pelo interesse na comercialização com povos mais distantes. Conforme as tecnologias, principalmente as de meio de transporte, vão se desenvolvendo, o turismo também se estrutura. Com o passar do tempo os deslocamentos a distâncias maiores, em períodos de tempo menores, são possibilitados a partir da chegada das ferrovias no século XIX e depois com a chegada da aviação, tornando as viagens mais rápidas e com menores custos, ou seja, o homem consegue chegar ao seu destino sem dispor de muito tempo e gastando menos.

Entende-se que o advento dos meios de transportes aliado à vontade de as pessoas saírem dos seus respectivos locais de moradia para descanso do cotidiano de trabalho aos

finais de semana, feriados e férias, podem ser fatores que explicam a intensificação das viagens e do turismo por todo o mundo.

No caso brasileiro, o país apresenta potencialidades turísticas diversas, tanto pelos aspectos naturais (clima, vegetação, hidrografia, relevo, paisagens, etc.), quanto pelas características culturais. Os principais agentes que organizam o turismo no Brasil são no nível nacional, o Ministério do Turismo (MTur) que é estruturado em Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo e Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) e Conselho Nacional de Turismo (CNT).

No nível estadual existem as secretarias/coordenadorias e departamentos de turismo, todos (estaduais e municipais) com autonomia da MTur para criação de Organismos Oficiais de Turismo (OOT). É importante citar que o MTur é um órgão do governo federal que trata do desenvolvimento do turismo como atividade econômica sustentável e tem como principal atividade tratar da ampliação da infraestrutura em localidades turísticas ou com forte potencial; também tem como função trabalhar para melhorias na qualidade dos serviços prestados por empresas do setor turístico.

No estado de São Paulo quem organiza o turismo é a Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo criada no dia 1º de janeiro de 2011, tendo como função promover o turismo como atividade econômica, contribuindo para geração de novos empregos, renda, desenvolvimento, dentre outros. A estrutura também é envolvida pelo Departamento de Apoio ao Desenvolvimento dos Municípios Turísticos (DADETUR), o Conselho Estadual de Turismo e o Conselho do Turismo Regional (TURISMO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2019). Em nível municipal como no caso de Ipeúna, é importante ressaltarmos a existência da Coordenadoria de Turismo e do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), que é um órgão consultivo e deliberativo formado por pessoas da comunidade para discutir assuntos relacionados ao turismo e desenvolvimento da cidade.

Ademais, no que se referem às definições sobre o que pode ser considerado turismo, autores apresentam diferentes contribuições, alguns apontando que todo tipo de viagem independentemente de seu propósito ou motivação pode ser considerada como turismo, outros não concordando com essa posição, assumem que o turismo ocorre quando as visitas

são temporárias, motivadas pelo lazer, cultura e entretenimento, não podendo haver remuneração.

Cruz (2001) aponta que o turismo é uma prática social que tem se alterado ao longo da história, por isso passa sempre por novas tentativas de conceituação. A abordagem adotada pela autora expõe que todo tipo de viagem pode ser considerada turismo. Segundo Cruz (2001) uma definição de turismo que se destaca é a adotada pela Organização Mundial de Turismo (OMT):

Segundo essa organização, o turismo é uma modalidade de deslocamento espacial, que envolve a utilização de algum meio de transporte e ao menos uma pernoite no destino; esse deslocamento pode ser motivado pelas mais diversas razões, como lazer, negócios, congressos, saúde e outros motivos, desde que não correspondam a formas de remuneração direta (CRUZ, 2001, p. 4).

Já segundo a leitura de autores como Souza e Corrêa (2000) o turismo ocorre com os deslocamentos das pessoas para locais diferentes da quais vivem, não podendo haver atividades lucrativas. Para eles o turismo é o

[...] conjunto de relações e fenômenos resultantes do deslocamento e da permanência de pessoas em localidades diferentes daquelas das quais residem ou trabalham, contanto que tais deslocamentos e permanências não sejam motivados por uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária (SOUZA e CORRÊA, 2000, p. 141).

Nota-se que o que difere os conceitos de turismo dos autores Cruz (2001) e Souza e Corrêa (2000) é que a primeira aponta viagem e turismo como sinônimos, ou seja, considera que todos os tipos de viagem são turísticas, mesmo aquelas que são de trabalho, pois mesmo que a pessoa ainda que não tenha momentos de lazer em seu destino, acaba abarcado por estatísticas de turismo da mesma forma do que um indivíduo que está em férias. Como exemplo, o indivíduo pode estar hospedado em um hotel com estruturas de lazer, porém, mesmo que ela não utilize desses serviços eles estão inseridos e disponíveis para utilização.

Para os segundos autores, há turismo quando os indivíduos saem de suas residências para usufruir de serviços de lazer, cultura e entretenimento, não podendo de nenhuma forma haver remuneração. Deste modo, não cabe a este trabalho seguir definições específicas sobre o que é turismo e nem aprofundar as análises, mas sim apontá-las e demonstrar a relevância que esta atividade tem tomado com o passar dos anos,

principalmente no que se refere ao setor econômico, pensando nele como real motivo da implementação do turismo no município de Ipeúna-SP. Para isso, é importante citar alguns desses benefícios.

O turismo na atualidade tem se tornado muito importante para o setor econômico, pois a sua dinamicidade movimenta outros setores, ou seja, ele possui um efeito multiplicador (Elesbão, 2007). Nota-se que o turismo possui grande relevância na economia onde é implementado, apresentando efeitos diretos e indiretos. O primeiro, relacionado às despesas dentro dos próprios equipamentos turísticos. O segundo, a partir da despesa que o turista tem com equipamentos e prestadores de serviços, na compra de bens e serviços de outros tipos. Isto significa que para cada emprego direto na atividade, vagas são abertas em outras atividades relacionadas com o turismo.

Sobre o efeito multiplicador do turismo Elesbão (2007) ressalta que este pode ser analisado de diferentes ângulos. Um provocado pelo nascimento de outras iniciativas empreendedoras que se desenvolvem em função do turismo. O outro relacionado ao dinheiro gasto pelo turista quando de sua passagem ou estadia pelo local visitado. O autor traz a contribuição de Swarbrooke (2000), que aponta que o efeito multiplicador se dá a partir de séries de ondas. Pode-se entender o turismo, na lógica do autor, por três ondas básicas, sendo a primeira relativa aos gastos dos turistas com alojamento, alimentação, recreação, etc.; a segunda pelos gastos com salários, propagandas, impostos, etc.; e a terceira com açougueiros, artesãos, dentistas, mercados, etc.

Nota-se que a amplitude da instalação da atividade turística em um determinado local altera e contribui não só para um ponto específico aonde foi implantado o turismo. Um exemplo está no turismo de sol e praia, no qual os turistas saem de suas residências na intenção de aproveitar o mar, porém, necessitam e usufruem da estrutura de outros setores econômicos, tais como: transportes, hotéis, supermercados, farmácias, restaurantes, etc.; percebe-se nisso os efeitos econômicos diretos e indiretos do turismo. Os efeitos diretos são gerados dentro dos próprios equipamentos, pelo qual o turista pagou diretamente alguma coisa. Já os indiretos são os equipamentos e prestadores de serviço, compras e bens de outros tipos.

A atividade turística movimenta vários setores da economia, como agências de turismo, transportadoras turísticas, alojamento, alimentação,

transporte, aluguel de automóveis, atividades recreativas e outros, pois sabe-se que a atividade turística possibilita a ocorrência do chamado efeito multiplicador, fazendo com que vários segmentos se estabeleçam e conseqüentemente contribuam com o aumento de novos mercados de trabalho (MORENO, 2008, p. 4).

Pensando nisso é importante citar as alterações que a implantação do turismo pode ocasionar no município de Ipeúna. Pelo conteúdo prévio que já foi exposto por este trabalho, pode-se perceber que o turismo no município ocorrerá, principalmente, a partir dos potenciais naturais e paisagísticos de seu meio rural. Não há dúvidas de que se esta atividade for bem estruturada ela também engendrará benefícios, tais como: aumento de empregos diretos e indiretos e valorização do campo, porém, sabendo desta contribuição que o turismo tem no aumento de novos mercados de trabalho e demandas. Entretanto, dependendo da amplitude que esta prática for implantada, poderá haver aumento dessas demandas por todo o município, tanto em áreas rurais, como na cidade, ou seja, o turismo pode criar necessidades diretas e indiretas e esses fatores podem exigir que o município, como um todo, se estruture para receber esses turistas, necessitando de novas infraestruturas e investimentos de comerciantes e empresários do município.

Por isso, ao pensar o turismo é sempre importante ter conhecimento se há pessoas interessadas em realizar investimentos, tanto comerciantes, como novos agentes de interesse, pois esses fatores também são fundamentais para realização de um turismo estruturado. Porém, não cabe neste momento discutir sobre isso, este assunto será exposto nos resultados finais deste trabalho, onde serão analisadas as novas potencialidades turísticas de Ipeúna para caracterização e tipificação do turismo rural a ser desenvolvido pelo município.

Como pode ser verificado, Ipeúna quer se estruturar para o turismo rural e entende-se esta atividade como uma das segmentações da oferta do mercado turístico, que por tornar-se maior e visando a diversificação da demanda e diferentes motivações foi dividido segundo fatores geográficos. Neste sentido, entendendo os reais interesses do município de Ipeúna, cabe a este trabalho expor as principais características que dão forma ao turismo rural.

CAPÍTULO 2

2.1 As transformações do mundo rural: o “Novo Rural”

O meio rural contemporâneo deve ser analisado a partir de sua diversidade. Para Elesbão (2007), esta palavra deve ser utilizada para analisar o rural, por conta das novas funções que vão sendo consolidadas no campo e utilizadas como estratégia de manutenção e reprodução de muitas famílias que ali habitam.

Ao tratarem dessas transformações Duarte; Salamoni (2013) refletem sobre as mudanças na organização socioespacial que o rural começa a sofrer a partir de novas dinâmicas do capitalismo. Essas dinâmicas ocorrem principalmente a partir dos anos 1960, ligadas à chegada da Revolução Verde no rural brasileiro. Interferindo-se na estrutura econômica-produtiva, conduzindo proprietários rurais a desenvolver diversas funções ligadas às atividades não agrícolas, dentro e fora de suas propriedades. Deste modo, é necessário entender os processos que desencadearam e diversificaram as atividades no espaço rural.

Desde a década de 1930 vários projetos políticos voltados para o desenvolvimento da economia se estabeleceram por meio de uma industrialização capitalista planejada, essas ações, tornaram-se hegemônicas nos anos 1950. Assim, o Estado passou a priorizar políticas públicas para um desenvolvimento industrial acelerado, investindo em infraestruturas, tais como: transportes, energia e indústrias. Desse modo, o desenvolvimento da agricultura também deveria estar em consonância com a modernização do território. Segundo Matos; Pessôa (2011)

No discurso oficial as políticas públicas agrícolas para modernizar os meios de produção no campo e, com isso, elevar o padrão de vida das populações que viviam no meio rural, iriam dar a elas maiores possibilidades de consumo. Todavia, essas orientações tomaram outros rumos: a modernização do latifúndio e a expulsão de milhares de pessoas do campo para a cidade (MATOS, PESSÔA, 2011, p. 296).

Pode-se perceber que esta fase da história marca o aumento expressivo do êxodo rural, no qual muitos trabalhadores e pequenos proprietários foram obrigados a deixar o campo e migrar para as cidades, principalmente a partir das iniciativas baseadas no progresso técnico, ou seja, insumos químicos e maquinários para a modernização do rural.

Essas ações inicialmente foram difundidas em países da Europa e nos Estados Unidos e posteriormente em vários países, tais como no Brasil. Nota-se que o desenvolvimento a partir deste pacote tecnológico chamado de Revolução Verde se restringia à produção, isto é, o crescimento da produção agrícola era tido como principal objetivo. Essas ações caracterizam o processo de modernização da agricultura no Brasil (MATOS, PESSÔA, 2011).

O processo de modernização da agricultura se inicia a partir da chamada Revolução Verde. Esta que se baseou fortemente em elementos como a modificação genética de sementes, o uso intensivo de produtos químicos, mecanização da produção, novas tecnologias de plantios, irrigações, colheitas e produção em massa. Essas medidas provocaram diversos aspectos negativos tanto no que se refere a questões sociais, quanto ambientais, ou seja, fortaleceu a alta concentração de renda, a alta dependência tecnológica, a demissão de trabalhadores, o alto nível de degradação ambiental, entre outros (GRAZIANO DA SILVA, 1997). Se tratando de Brasil, podemos também citar que a partir da inserção dessas práticas há o avanço de monoculturas, principalmente da soja e da cana.

A modernização agrícola foi constituída de argumentos que na prática não foram positivos para os pequenos proprietários e trabalhadores do campo, visto que as medidas de modernização eram expostas como a salvação até mesmo para resolução da fome no mundo, sendo que por meio das novas tecnologias aplicadas ao campo haveria o aumento da produtividade. Esta que realmente ocorreu, porém de forma desigual, favorecendo principalmente os mais ricos. Na prática vemos que a partir da Revolução Verde e do processo de modernização e industrialização da agricultura há o crescimento do desemprego estrutural e o avanço do número de pequenos proprietários que foram obrigados a deixar suas terras por falta de recursos financeiros condizentes com a realidade proposta pelas medidas.

Graziano da Silva (1997) aponta que funcionalistas americanos justificavam a importância de medidas e programas de assistência técnica e extensão rural da seguinte maneira:

O diagnóstico neoclássico dizia que os agricultores eram pobres, mas eficientes; o problema não estava no uso dos “fatores de produção” disponíveis, mas sim que os fatores disponíveis não propiciavam o retorno

necessário para superar a condição de pobreza em que viviam. Daí a proposta de modernização ser entendida como a introdução de “novos fatores” que incluíam desde as sementes geneticamente melhoradas da Revolução Verde, os adubos e defensivos químicos, as máquinas e equipamentos, até a educação formal, nos moldes urbanos, é claro (GRAZIANO DA SILVA, 1997, p. 3).

Segundo os autores Graziano da Silva; Del Grossi (1999), a modernização agrícola continuou seu curso nos anos 1980 e 1990 por conta dos impulsos de políticas keynesianas e com a integração da agricultura com outros setores da economia. Estas ações fizeram com que a produtividade da agricultura apresentasse acréscimo, aumento que também foi verificado no que se refere à produtividade de trabalho, ou seja, deram caráter mais individualizado para atividades que antes podiam ser desenvolvidas por um número maior de pessoas e famílias. Desse modo, vemos que a partir da inserção de máquinas pesadas e insumos químicos, houve a diminuição do tempo de trabalho e até mesmo do número de pessoas no desenvolvimento das atividades rurais.

Os mesmos autores Graziano da Silva; Del Grossi (1999) apontam que principalmente nos países desenvolvidos há um novo paradigma técnico-produtivo, que foi marcado pela elevação da tecnologia e redução de plantas industriais, que conseqüentemente reduziu os empregos em setores industriais. Os autores tratam da proliferação de empresas prestadoras de serviços técnico-produtivos especializados por toda a economia e apontam que essas transformações já vêm ocorrendo no rural “não somente com a elevação contínua da produtividade do trabalho nas tarefas agropecuárias, mas também com a emergência de agências prestadoras dos mais diversos serviços especializados, como preparo de solo, colheita, pulverizações, inseminações, entre outras tarefas”.

Seguindo a leitura de Graziano da Silva; Del Grossi (1999) em função dessas mudanças nas unidades produtivas agropecuárias, duas consideráveis transformações ocorrem:

- a) nova divisão do trabalho no interior das unidades familiares, liberando alguns membros das famílias para se ocuparem em outras atividades, alheias a sua unidade produtiva; b) os membros da família que já conduziam individualmente a atividade agrícola têm o seu tempo de

trabalho reduzido, de tal sorte a possibilitar a combinação da produção agrícola na sua unidade com outra atividade externa, agrícola ou não (GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI, 1999, p. 165).

Essas ações, tais como a diminuição do tempo ocupado pelo produtor rural em atividades agrícolas, a redução de trabalhadores por área e a oportunidade de desenvolvimento de atividades de caráter não agrícola, acabam ocorrendo tanto dentro do espaço rural, como fora dele. O principal agente dessas novas ações está muito relacionado às novas dinâmicas impostas pela modernização da agricultura, que eleva o poder dos grandes produtores e das monoculturas e leva principalmente o pequeno produtor rural a buscar novas formas de rendimentos para manutenção de suas famílias. Essas questões passam a caracterizar o espaço rural como um abrigo para o desenvolvimento não agrícola. Essas características são apontadas por Graziano da Silva (1997) e para ele se define como o “Novo Rural Brasileiro”.

Segundo Graziano da Silva; Del Grossi (1999) as características desse “Novo Rural” são obtidas a partir de atividades não agrícolas que passam a ser inseridas no meio rural brasileiro, principalmente por conta da oportunidade da pluriatividade no interior das famílias rurais. Os autores resumem esse “Novo Rural” em três grandes grupos de atividades, sendo eles

a) uma agropecuária moderna, baseada em commodities e intimamente ligada às agroindústrias; b) um conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e a várias atividades industriais e de prestação de serviços; c) um conjunto de "novas" atividades agropecuárias, localizadas em nichos especiais de mercados (GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI, 1999, p. 170).

Seguindo a leitura de Graziano da Silva (1997) sobre o “Novo” Rural, verifica-se que os novos tipos de ocupação que ocorrem no espaço rural estão ligados ao lazer nos finais de semana e feriados, através de pesque-pague, hotéis fazenda, chácaras de fins de semana, etc. O autor também aponta que há o maior interesse no desenvolvimento de preservação e conservação que propiciam o ecoturismo, além de parques estaduais e estações ecológicas, ou seja, essas questões reforçam o papel do turismo como uma nova estratégia para o espaço rural.

Ao pensarmos o turismo rural como uma atividade não agrícola percebemos que esta faz parte das características que definem o “Novo Rural Brasileiro”, na qual a

produção agrícola passa a ocupar um tempo menor no trabalho das famílias rurais e a agricultura passa a responder apenas, por parte de ocupação e da renda dessas famílias. Dentro dessas características, o turismo rural, quando estruturado em uma propriedade, pode atuar de forma significativa nos rendimentos e na manutenção da cultura dos indivíduos, visto que esta atividade possibilita a obtenção de rendimentos e não retira o trabalhador do espaço rural.

Neste contexto, partindo de alguns conceitos teóricos e pensando o turismo rural como uma atividade não agrícola relevante e que está dentro das características desse novo rural, procuraremos entender dois principais elementos que possibilitam o desenvolvimento dessas atividades: a pluriatividade e a multifuncionalidade.

2.2 A pluriatividade e a multifuncionalidade na prática turística

A pluriatividade é um fenômeno que adquire relevância nos estudos brasileiros a partir de 1980 com a modernização da agricultura. Porém, há indícios de que a pluriatividade tenha ocorrido bem antes deste período, principalmente com os pequenos agricultores. Segundo a leitura de Pereira; Ferreira (2009) os autores Karl Kautsky e Alexander Chayanov já chamavam atenção para as atividades não agrícolas desenvolvidas por famílias camponesas. É importante ressaltar que esses autores não chegaram a usar o termo pluriatividade, mas sim, com as nomenclaturas: trabalhos acessórios e atividades não agrícolas.

A leitura efetuada por Pereira; Ferreira (2009) nos permite verificar as diferenças entre os pensamentos de Kautsky (1968) e Chayanov (1974). Para o primeiro autor, as novas dinâmicas capitalistas que levaram os agricultores a desenvolverem trabalhos acessórios ocasionariam no desaparecimento do agricultor familiar, por conta de levá-lo a proletarianização.

De acordo com Kausty a maioria dos camponeses alemães não dispunha de recursos para melhorar seus instrumentos de trabalho ou substituí-los por outros mais eficientes, como o poderiam fazê-lo os agricultores capitalizados que se tornavam mais competitivos no mercado. Tal fato inviabilizava a reprodução social dos pequenos camponeses, posto que eles não conseguiriam se capitalizar e resistir a concorrência dos grandes agricultores. No entanto, os pequenos agricultores que não conseguissem se capitalizar ficariam – de todo – fadados ao desaparecimento (PEREIRA; FERREIRA 2009, p.216).

Segundo esta visão, se os agricultores utilizassem as atividades não agrícolas, tanto realizadas dentro de suas propriedades, como fora delas, responderiam a condição de proletário. Essa ideia parte de que a manutenção da pequena propriedade, por conter mão-de-obra barata, seria funcional ao capitalismo, ou seja, aos grandes produtores com mais dinheiro e grandes indústrias.

Diante disso, a solução apontada por Kausty é a união entre camponeses e operários para a superação do capitalismo enquanto um sistema produtivo opressor e marginalizante das classes menos favorecidas. Uma vez superado o sistema estruturado sob os pilares ideológicos do mercado (exploração, lucro, competitividade, etc.), seria construído o socialismo enquanto sistema que não descarta – necessariamente – as relações mercantis, contudo não as concebe como principais paradigmas para o

desenvolvimento social. No lugar do mercado a proeminência seria de valores como o bem estar social (PEREIRA; FERREIRA 2009, p. 217-218).

Esta abordagem é diferenciada por Chayanov (1974), pois este autor trabalha com fatores internos, ou seja, para ele os seguintes elementos: demografia do grupo familiar, relação trabalho/consumo, suficiência e insuficiência de terras, etc., são determinantes para a reprodução social familiar camponesa. O autor aponta que o processo de desenvolvimento das atividades não agrícolas possibilita rendimentos extras para a reprodução familiar camponesa.

Com isso podemos perceber que o debate acerca da pluriatividade não é algo recente, porém, o estudo deste tema não era visto como centro de investigação. Segundo Pereira; Ferreira (2009, p. 219) “isso pode ter concorrido para que, naquele período, o instrumental metodológico não tornasse complexa a compreensão do verdadeiro estado da arte do fenômeno”. Nota-se que a partir disso, houve a intensificação dos estudos sobre a pluriatividade, principalmente no que se refere ao período de 1930 e 1990.

Dentro desse período a conceituação a respeito da pluriatividade, mesmo que apresentando algumas divergências de ideias, fora construída. Segundo Fuller e Brun (1988 apud Schneider 2003), o termo pluriatividade

[...] procura focalizar as diferentes atividades e interesses dos indivíduos e famílias que vivem na unidade produtiva. Preocupa-se tanto com a reprodução social e a participação no mercado de trabalho rural como com a terra e as questões agrícolas. A pluriatividade implica uma forma de gestão do trabalho doméstico em que o trabalho agrícola encontra-se sempre incluído, podendo não ser, no entanto, uma atividade exclusiva ou mesmo a atividade mais importante. Outras atividades podem ser assumidas com o objetivo de sustentar ou de dar suporte à unidade doméstica, podendo também ser motivadas por considerações não relacionadas à agricultura. A pluriatividade nos permite questionar o pressuposto de que *full-time farming* é a norma e, portanto, algo bom, e de que a pluriatividade é um estado temporário ou um mal necessário no desenvolvimento econômico das unidades produtivas, das famílias ou áreas rurais (FULLER E BRUN, 1988, p. 150 apud SCHNEIDER, 2003, p. 77).

Nesse sentido, vemos que o termo pluriatividade está ligado à questão do emprego e a possibilidade de conexão entre atividades agrícolas e não agrícolas como forma de reprodução social e manutenção econômica das famílias rurais. Este conceito diferencia-se

da prática da agricultura em tempo integral, visto que os agricultores podem desenvolver atividades que vão além destas e quem podem ocorrer fora de suas propriedades ou dentro delas. Porém, é importante ressaltar que para ser considerado pluriativo é necessário que pelo menos parte de suas atividades sejam de caráter agrícola, mesmo que esta não seja a principal fonte de renda e manutenção de sua família.

Para clarificar o uso da terminologia da pluriatividade como fenômeno social e econômico, Schneider (2003) a define como um

[...] fenômeno através do qual membros da família que habitam o meio rural optam pelo exercício de diferentes atividades, ou, mais rigorosamente, pelo exercício de atividades não agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural. Nesse sentido, ainda que se possa afirmar que a pluriatividade é decorrente de fatores que lhe são exógenos, como o mercado de trabalho não agrícola, ela é uma prática que depende das decisões dos indivíduos ou das famílias (SCHNEIDER, 2003, p. 91).

Ressaltamos que este fenômeno ocorrerá em

uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas (rendimentos, rendas em espécies e transferências (FULLER, p. 367 apud SCHNEIDER, 2003, p. 79).

As modalidades turísticas que ocorrem no espaço rural estão ligadas a pluriatividade do trabalhador, visto que este passa a realizar essas atividades para subsistência e manutenção de sua família no campo. Dentro desse contexto, também podemos pensar na multifuncionalidade da agricultura e da paisagem rural, pois este conceito está ligado às possibilidades que o meio rural tem de abrigar atividades agrícolas e não agrícolas, ou seja, outras funções a serem suportadas por essa porção do espaço. Segundo Fernandes (2018), as paisagens rurais são reflexos da ação do homem nas paisagens originais, que ocorreram ao longo do tempo. Para a autora, a valorização de atividades não agrícolas também define o “Novo”. A concepção de multifuncionalidade da paisagem rural representa que há uma diversidade estrutural presente no mundo rural, assim como a multifuncionalidade da agricultura.

Na leitura de Ferreira; Maia (2010), a noção de multifuncionalidade segue dois caminhos teóricos que norteiam estratégias de políticas públicas. O primeiro caminho está ligado às questões de estratégias de desenvolvimento local, ocorrendo

[...] principalmente em áreas onde a atividade agrícola perdeu sua posição central e ocorre a necessária criação de alternativas de sobrevivência para as pequenas propriedades. Fundamentado nas estratégias de desenvolvimento local, este caminho vai inserir a multifuncionalidade dentro das possibilidades que o espaço oferece para a instalação de “novas” atividades econômicas, aproveitando o capital sócio-cultural presente no espaço rural. Como exemplo desse enfoque, encontramos o conceito de *multifuncionalidade da paisagem* – MFP (FERREIRA; MAIA, 2010, p. 5).

Já no segundo caminho, a multifuncionalidade:

[...] está relacionada às estratégias de desenvolvimento sustentável, originadas principalmente das questões ambientais da década de 80. Enfatizando as questões relacionadas com o desenvolvimento sustentável e seu reflexo no espaço rural, definindo o que a literatura conclamou de multifuncionalidade da agricultura – MFA (CAZELLA; BONNAL; MALUF, 2009 apud FERREIRA; MAIA, 2010, p.5).

A noção de multifuncionalidade tem origem na França, tendo como finalidade inicial a elaboração de projetos de desenvolvimento rural para a União Europeia. Fernandes (2018) aponta que

[...] alguns estudiosos ressaltam que os conceitos característicos da multifuncionalidade não são novos: tais aspectos fazem parte da realidade histórico-social. O que há de novo é a institucionalização da multifuncionalidade para o Estado, ou seja, surge como um paradigma para as políticas públicas, para além da produção agrícola, como uma compensação financeira dos agricultores para garantir a conservação ambiental, social e cultural (FERNANDES, 2018, p. 164).

Há autores que afirmam que os estudos sobre a multifuncionalidade chegam ao Brasil nos anos 2000. A partir desses estudos e do entendimento de que o espaço rural passa por um processo de desenvolvimento, no qual a agricultura deve além de suas funções primárias (produção de alimentos e fibras), moldar a paisagem, prover benefícios ambientais (conservação do solo, gestão sustentável dos recursos naturais e preservação da biodiversidade) e contribuir para a viabilidade econômica em áreas rurais, ou seja, a noção de multifuncionalidade representa um esforço de rompimento com a ótica setorial da agricultura e enfatiza a heterogeneidade presente no campo (FERREIRA; MAIA, 2010).

Seguindo a literatura pode-se perceber que, no que se refere à multifuncionalidade da agricultura, o olhar está para dentro das atividades agrícolas, a partir da observação de fatores possíveis para o desenvolvimento de atividades que vão além das já desenvolvidas pelo agricultor, ou seja, de sua produção habitual, mas também se refere ao que sua

propriedade pode oferecer para ser definida como multifuncional. Dessa maneira, o agricultor e a propriedade podem ser potenciais para o desenvolvimento de múltiplas funções (FERNANDES, 2018).

A noção de multifuncionalidade da agricultura rompe com o enfoque setorial e amplia o campo das funções sociais atribuídas à agricultura que deixa de ser entendida apenas como produtora de bens agrícolas. Ela se torna responsável pela conservação dos recursos naturais (água, solos, biodiversidade e outros), do patrimônio natural (paisagens) e pela qualidade dos alimentos (CARNEIRO; MALUF, 2003, p.19).

Pensando na diversidade de atividades e recursos que podem ser encontradas no espaço rural, podemos pensar para além da multifuncionalidade da agricultura, considerando os aspectos relativos à paisagem através da noção de multifuncionalidade da paisagem rural. Desse modo, pode ser utilizado o conceito de multifuncionalidade da paisagem rural, descrito por Pinto-Correia (2007)

A utilização de multifuncionalidade como um conceito analítico significa a avaliação de que funções são suportadas por uma determinada paisagem, num determinado momento, e como se definem sinergias ou conflitos entre elas. As funções podem ser definidas como bens (amovíveis) ou serviços (não amovíveis), disponibilizados na paisagem, e que provêm às necessidades, procuras e expectativas do Homem, no sentido lato, sendo assim valorizadas pela sociedade (PINTO-CORREIA, 2007, p. 68).

É importante ressaltarmos que segundo a leitura de Guiomar; Fernandes; Neves (2008) as paisagens como um todo são multifuncionais, porém o grau de multifuncionalidade pode ser variável, pois nem todas as unidades espaciais estão capacitadas ou vocacionadas para receber determinadas funções. Segundo esses autores, o papel da multifuncional do espaço rural

[...] pressupõe o tratamento equilibrado das várias dimensões da gestão sustentável do território, cuja estratégia deverá passar pela preservação dos recursos naturais e a paisagem no âmbito da actividades rurais, por tornar o espaço produtivo mais estável e resistente aos agentes bióticos e abióticos, por incentivar os sistemas agrícolas e florestais mais adequados às condições edafo-climáticas do território, e pela promoção da eco-eficiência. O sucesso deste tipo de estratégia dependerá da capacidade tecnológica, da vontade social, e da interacção entre os diferentes actores que usam e afectam a paisagem para adaptar as funções associadas aos diferentes usos do solo, às condições ecológicas do território local, e integrar e hierarquizar diferentes funções num mesmo espaço (GUIOMAR, FERNANDES, NEVES, 2008, p. 218).

Nesse sentido, Pinto-Correia traz a leitura de Vejre et al (2006) e Cliver Potter (2005) para afirmar a multifuncionalidade como conceito analítico do espaço rural. Segundo os autores o conceito

pode ser utilizado para caracterizar o sector primário e as externalidades que lhe estão associadas, mas também para caracterizar a paisagem per se, onde a agricultura define a estrutura de produção e assim também domina o uso do solo, mas outras funções, como conservação, qualidade de recursos naturais, recreio e lazer, preservação da identidade cultural, são asseguradas pelas várias unidades espaciais, separadamente ou combinadas num mosaico (PINTO-CORREIA, 2007, p. 68).

A partir dessas definições é possível analisarmos a paisagem e suas mudanças conforme as ações humanas e físicas. Percebe-se que a multifuncionalidade da paisagem rural passa a ser um conceito mais abrangente para entender as diferentes funções do espaço rural. Deste modo, o conceito de multifuncionalidade da paisagem – tal como apresentam os autores até aqui considerados – possui como pressupostos básicos: a preservação dos recursos naturais e da paisagem; a capacitação técnica dos agentes envolvidos; a adaptação das funções associadas aos diferentes usos do solo às condições ecológicas do território local; a integração e hierarquização das diferentes funções em um mesmo espaço. No primeiro enfoque da multifuncionalidade aqui considerado e relacionado ao desenvolvimento sustentável, os pressupostos básicos são: a reprodução socioeconômica das famílias rurais; a promoção da segurança alimentar das famílias e da sociedade; a manutenção do tecido social e cultural; a preservação dos recursos naturais e da paisagem rural.

Como apontado por Fernandes (2018, p. 166) “conhecer o espaço rural é um aspecto muito importante para o desenvolvimento local e rural, e para implantação de políticas de planejamento e gestão territorial”. A multifuncionalidade seria norteadora desse desenvolvimento local e rural, pois

O enfoque da multifuncionalidade permite colocar, no mesmo quadro analítico, diversos elementos e fatos sociais que compõem o universo social do mundo rural, favorecendo, assim, a compreensão da inserção de diferentes famílias rurais nesse universo. Mais do que isso, permite legitimar formas de produção e de fontes de renda que normalmente ficam fora dos quadros analíticos hegemônicos. Como se sabe, na maioria das vezes, as famílias que efetuam algum tipo de atividade agrícola combinam, em diferentes proporções, outras práticas, tais como: atividades não agrícolas (rurais e urbanas) remuneradas; atividades

diversas ligadas ao estabelecimento agrícola (transformação e venda direta da produção ou em circuitos curtos de comercialização, agroturismo, etc.); prestação de serviços utilizando o material do estabelecimento, ficando, por isso, fora das lentes das análises convencionais (CARNEIRO; MALUF, 2003, p.21).

Pensando assim, dentre as novas funções que o espaço rural abriga, o turismo em espaço rural e o lazer estão ligados ao consumo de bens materiais e simbólicos, que inicialmente foram alternativas europeias para combater o esvaziamento no campo. Posteriormente podemos perceber que estas atividades também passam a ser estratégias de proprietários rurais brasileiros, visto que essas se configuram como reabilitadoras de áreas agrícolas economicamente deprimidas e novas formas de obtenção de rendimentos (GERALDO, 2012).

O turismo desenvolvido em espaços rurais tornou-se, então, uma estratégia de sobrevivência, sendo adotado como opção por muitas famílias como fator de contribuição para obtenção de maiores rendimentos, acrescentando uma fonte de renda extra às atividades agrícolas já praticadas e sempre dependentes das oscilações de preço e dos mercados. A exploração dos recursos paisagísticos e histórico-culturais do campo pode colaborar com o incremento nos ganhos de suas propriedades, implantando e operando setores de serviços, como os de hospedagem e alimentação, em uma área em que tradicionalmente eles não estavam presentes (GERALDO, 2012, p. 39).

A atividade turística também pode representar uma estratégia de preservação de valores culturais e do modo de vida rural, funcionando assim como uma estratégia de resistência e de valorização do território a partir da conservação do meio ambiente e do patrimônio natural, histórico e cultural do meio rural.

Desta forma, entendendo o espaço rural como abrigo de novas funções que vão além de atividades agrícolas, o turismo em espaço rural é uma atividade que vem sendo desenvolvida com bastante expressividade. Podemos perceber que essa modalidade é gestada pelas dinâmicas e processos advindos da pluriatividade e da multifuncionalidade, principalmente no que se refere à paisagem. Visto que esta por ser multifuncional, pode tanto abrigar atividades de caráter tradicional como a agricultura e a pecuária, mas também, pode ser o espaço para diversas modalidades turísticas a partir da vida no campo, de belezas naturais, gastronomias, elementos religiosos e culturais. Essas funções, em especial o turismo, dão novas características, tanto no que se refere aos agricultores, que passam a não

depende somente de atividades agrícolas, como para a paisagem rural, que passa a evidenciar e sustentar outras finalidades.

CAPÍTULO 3

3.1 A prática do turismo rural no Brasil

Para entendermos o Turismo Rural, sua dinâmica e características, é necessário conhecer como esta modalidade surge e se desenvolve no mundo e no Brasil. Desde a década de 1950 as atividades turísticas são conhecidas nos Estados Unidos e em países da Europa. Porém, Geraldo (2012) ao citar Nardi e Miorin (2008), aponta que o turismo em espaço rural nasce na Alemanha no século XX, na qual as propriedades rurais passaram a receber visitantes no período de férias como complementação de renda. Em 1991, esta modalidade turística é intensificada em muitos países pertencentes à União Europeia por conta do Programa LEADER³, onde foram implementadas políticas de apoio ao Turismo Rural e outras atividades não-agrícolas. Nesta fase destacam-se iniciativas da Alemanha, Espanha, Portugal, Suíça, Suécia, França, Itália e Áustria, onde foram geradas estratégias de revitalização de territórios rurais. A ocupação do turismo rural como forma de novas oportunidades de trabalho e valorização ambiental, cultural e histórica, também passam a ser incentivadas em países da América Latina, tais como o Chile, a Argentina e Uruguai.

Com isso, a partir da década de 1990 cresce o número de experiências, de estudos e pesquisas relacionadas ao turismo rural no Brasil e em vários países. Interesse que se relaciona a todas essas novas dinâmicas que ocorrem no campo e possibilita a ampliação da oferta do turismo rural, isso aliado a maior procura da sociedade pela tranquilidade e “simplicidade” encontrada no campo. Candiottto (2010) ressalta que

Permeando esse processo, temos as ações governamentais de apoio e regulamentação do turismo; a perspectiva de segmentação das modalidades turísticas por parte da Organização Mundial do Turismo (OMT), e consequentemente, pelo trade turístico; bem como o debate por parte de técnicos e pesquisadores sobre a viabilidade e as consequências da abertura de propriedades rurais para atividades de turismo, a partir do aproveitamento de atrativos naturais, históricos, culturais e gastronômicos (CANDIOTTO, 2010, p. 4).

Ao discutir a polarização, Candiottto (2010), aponta que a saturação do turismo convencional (sol e praia), da segmentação dos setores de mercado com o regime de

³ Segundo AZEVEDO (2006) o programa LEADER corresponde ao conjunto de políticas de desenvolvimento rural implementado nos países membros da União Europeia, sustentado com recursos provenientes de fundos comunitários desse grupo de Estados.

acumulação flexível de capital, e das intencionalidades economicistas e expansionistas do trade turístico, a partir da década de 1990, o turismo se polariza entre convencional/de massa e alternativo/sustentável. Dentro dessas modalidades se encontra o turismo rural.

Considerando a conceituação de diversos autores, Candiottto (2010) define que

O turismo rural está necessariamente vinculado às características do meio rural (produção agrícola e/ou pecuária, paisagens rurais com vegetação nativa e secundária, arquitetura rural, o contato direto com o modo de vida dos habitantes do campo e com os animais, a culinária da “roça”, entre outras). Por conseguinte, os empreendimentos que nada têm a ver com a prática e o conteúdo rural, mas que estão inseridos no espaço rural, fazem parte do turismo no espaço/meio/área rural e não do turismo rural (CANDIOTTO, 2010, p. 11).

Levando em conta todas essas questões relevantes que possibilitaram o desenvolvimento do turismo em espaço rural, torna-se essa atividade uma das principais para manutenção dos rendimentos de proprietários e trabalhadores rurais. Neste momento destacaremos algumas características das modalidades turísticas existentes no campo, buscando o maior entendimento delas e como são tipificadas. Posteriormente, estudaremos o caso de Ipeúna, com o objetivo de entender os elementos que oferecem possibilidades para o desenvolvimento dessas atividades e suas possíveis potencialidades turísticas.

O Turismo Rural, quando comparado com outras modalidades turísticas é uma modalidade relativamente nova no Brasil. Para Rodrigues (2001), esta atividade possui dificuldade de datação inicial no país, devido à sua grande extensão geográfica. Segundo a autora, o primeiro município a possuir primeiras iniciativas oficiais em escala estadual foi o de Lages, situado no Planalto Catarinense, na Fazenda de Pedras Brancas em 1986, quando a propriedade passou a acolher visitantes para “um dia de campo”. Podem também ser consideradas pioneiras, com atividades fundamentadas na participação de lidas no campo e pernoites, as fazendas do Barreiro e do Boqueirão (RODRIGUES, 2001). Essas primeiras ações de caráter mais institucionalizado dão margem para o avanço do turismo rural no Brasil.

As iniciativas multiplicaram-se rapidamente não somente em Lages, mas em todo território nacional, em particular nas regiões Sul e Sudeste. Mais recentemente aderiram à atividade muitos municípios da região Centro-Oeste, onde destaca-se o estado do Mato Grosso do Sul. Atualmente podemos dizer que em todo o Brasil existem experiências de turismo rural

que se expandem para as regiões Nordeste e Norte (RODRIGUES, 2001, p. 101).

Como já fora dito, a prática do Turismo Rural é algo novo no Brasil. Desse modo, como esta atividade iniciou-se na Europa, muitos conceitos que definem o Turismo Rural brasileiro são advindos e vinculados a parâmetros europeus. Segundo Rodrigues (2001), este fato resulta em grandes equívocos, pois as realidades europeias são bem diferentes da brasileira. Ou seja, não se pode definir o que é Turismo Rural no Brasil a partir de experiências, conceitos e realidades advindas de outros países, pois até mesmo dentro de um mesmo país, há especificidades que alteram o desenvolvimento do Turismo, sendo assim, esta atividade deve ser pensada a partir da realidade do local onde ele é implantado.

Pensando na dificuldade em definir o Turismo Rural no Brasil, Geraldo (2012) expõe que

A definição precisa, que caracterize exatamente o que seja a modalidade de turismo rural no Brasil apresenta-se, ainda indefinida, constituindo-se em um cipoal de ideias e concepções diversas, misturando conceitos e definições. Na maioria das vezes termos como *Agroturismo*, *Turismo Rural*, *Turismo em Áreas Rurais* se embaralham e confundem, sem que haja um resultado claro, mesmo em nível internacional (GERALDO, 2012, p. 27).

Nesse sentido, verifica-se certa dificuldade em definir uma terminologia que explique as atividades de turismo no campo brasileiro, principalmente por ser uma atividade relativamente nova e que foi baseada no pioneirismo de outros países, principalmente países europeus. Nota-se a partir da leitura de Geraldo (2012) que outros países possuem diferentes definições para as atividades turísticas que ocorrem no rural. Ao citar Selva (1998), ele ressalta diferentes definições europeias, tais como Turismo Campestre na França, Turismo de Retorno na Espanha, Agroturismo na Itália e Turismo de Habitação em Portugal. Na Argentina a atividade é conhecida como Turismo de Estância.

Antes de tipificar o turismo rural, Bricalli (2003), aponta que a partir das primeiras verificações de âmbito empírico ou científico, são demarcados os fatores que tornam o turismo rural, na prática, uma atividade com grande diversidade. Para ele, o turismo rural possui elementos que contribuem para essa diversidade, a saber: a localização, os recursos naturais, as atividades agrícolas, o patrimônio cultural, o envolvimento dos turistas e as inter-relações entre todos esses fatores citados. Ou seja, esses elementos citados são pontos

chave na diferenciação, classificação e tipificação da atividade turística exercida em determinada propriedade rural.

Por conta dessas particularidades apresentadas e com as características do meio rural, tais como gastronomia, patrimônio cultural e natural, costumes, possibilidades de descanso e lazer, cada vez mais as pessoas, principalmente das grandes cidades, passaram a ser atraídas para essas atividades. Por essa amplitude tornou-se maior o número de pesquisadores que passaram a estudar as diferentes terminologias do turismo em áreas rurais. Desse modo, neste momento procuraremos entender como e quais fatores definem esta atividade. É importante ressaltar que existem diversas modalidades, porém, daremos destaque a três principais abordagens ou categorias, são elas: Turismo em Meio Rural ou em Áreas Rurais, Agroturismo e Turismo Rural.

3.2 O conceito de turismo rural: tentativas de definição

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2003, p.11) ao expor as Diretrizes para o desenvolvimento do Turismo Rural, o define como “o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural da comunidade”. Este documento baseia-se em aspectos que se referem ao turismo, ao território, à economia, aos recursos naturais, culturais e à sociedade. De certa forma, esta definição demonstra o caráter abrangente e impreciso, abarcando um conjunto diversificado de aspectos para chegar a uma definição.

Também segundo o Ministério do Turismo (MTur), o Turismo no Espaço Rural é entendido como aquele que ocorre em um recorte geográfico, no qual a modalidade de Turismo Rural está inserida. Diante da diversidade das práticas turísticas que ocorrem no neste espaço, é valido esclarecer que algumas atividades nem sempre são consideradas como turísticas⁴. Segundo Geraldo (2012), para efeitos de definição do turismo no campo, o MTur aceita tanto os termos Turismo Rural quanto Agroturismo, não contribuindo para a diferenciação entre essas modalidades.

Ao também trabalhar com a temática sobre a definição do turismo, Tulik (2006) ressalta que a confusão terminológica ocorre pela variedade natural e cultural que se comunica as diferentes formas de turismo, principalmente aquelas relacionadas às motivações diversas que levam as pessoas a procurarem o turismo no campo.

No caso do Turismo, e especificamente do Turismo Rural, existe uma grande profusão de abordagens, de conceitos e de classificações sujeitas aos mais diversos critérios ou, o que é pior, sem qualquer alusão aos procedimentos utilizados para identificar as categorias de análise. Inúmeros autores vêm procurando elucidar essa questão. A variedade de denominações registra a complexidade do assunto, desafiando especialistas e confundindo iniciantes. Depreende-se dessas considerações a necessidade de estudos, de registros de experiências e de muita reflexão (TULIK, 2006, p. 113).

⁴Geraldo (2012) ao citar Lickorish e Jenkins (2000) aponta muitos estudiosos adotam a definição da Organização Mundial do Turismo – OMT (2008) para definir o que é considerado turismo. Segundo essa definição, o turismo abrange atividades de pessoas viajando para e permanecendo em locais fora de seu ambiente habitual por não mais que um ano consecutivo de lazer, negócios e outros propósitos.

Os tipos de turismo, por serem baseados a partir do caráter motivacional da demanda, não são excludentes, o que induz a tipologias e dificulta a sua classificação. Para exemplificar esta ideia, pode-se utilizar como exemplo o turismo cultural, que não é uma atividade específica do meio rural, porém se inserida dentro deste contexto pode-se confundir com o Turismo Rural, ou seja, esta atividade não se exclui, porém se mistura ao meio onde ela está inserida, se sobrepondo e tornando uma atividade do meio rural. Segundo Tulik (2006, p. 115) “a segmentação da demanda conforme o critério motivacional é, portanto, um ponto chave para se entender a complexidade da sobreposição dos diferentes tipos de turismo”.

Para explicar as diferenças entre os tipos de Turismo, também pode-se recorrer às diferenças entre o urbano e o rural que, embora muitos autores já apontem para a quase inexistência da mesma, por conta da entrada de características urbanas no espaço rural e vice-versa, ainda são notados traços específicos que diferem o urbano do rural e de certa forma podem justificar esta divisão. Nota-se, atualmente, que muitas atividades que antes eram apenas desenvolvidas em espaço rural, tais como o turismo de aventura, atualmente são desenvolvidas em localidades urbanas e, da mesma maneira, atividades como turismo de negócios e de eventos, que eram exclusivos do urbano, passam a ser desenvolvidos no rural. Partindo desta ideia, de surgimento de algumas diferenças que caracterizam as tipologias de turismo no campo, o Turismo em Espaço Rural ou Turismo em Áreas Rurais, expressões sinônimas, passam a ser definições que explicam qualquer manifestação de turismo localizados no rural (TULIK, 2006).

Verifica-se a partir da leitura de Tulik (2006), que as atividades que não são específicas do meio rural, tais como o turismo religioso, cultural, de negócios, de eventos, ou até mesmo o Ecoturismo e o Turismo de Aventura, podem ocorrer tanto em espaço Rural quanto no Urbano. Sendo assim, quando essas atividades são desenvolvidas no Rural, o tipo de turismo é denominado de Turismo *em Área Rural* ou *em Espaço Rural*. Seguindo este contexto, quando a atividade possui características específicas do espaço rural, tais como: a paisagem, os animais e a vida rural, utiliza-se o termo Turismo Rural.

Há consenso entre alguns especialistas quanto a se distinguir do conjunto de atividades turísticas que ocorrem no espaço rural, aquelas relacionadas ao conteúdo rural propriamente dito e denominá-las como Turismo Rural.

Da mesma forma, há consenso quanto a se entenderem as demais manifestações do turismo, alheias a cultura rural, como Turismo no Espaço Rural (TULIK, 2006, p.116).

Os autores Campanhola; Graziano da Silva (2000) compartilham da mesma ideia sobre o conceito de Turismo em Área Rural. Segundo a definição desses autores, o Turismo em Área Rural abrange várias modalidades e seguimentos, tais como o turismo de aventura, turismo cultural, de negócios, de saúde, entre outros. Pensando dessa forma os autores apresentam atividades que podem fazer parte deste tipo de turismo, são elas

Os ‘spas’ rurais; os centros de convenções rurais; os locais de treinamento de executivos; os parques naturais para atividades esportivas; as caminhadas; as visitas a parentes e amigos; as visitas a museus e igrejas; monumentos e construções históricas; os festivais; rodeios e shows regionais; as visitas a paisagens cênicas e a ambientes naturais; a gastronomia regional; os campings, as colônias de férias, os hotéis-fazenda; os fazenda-hotéis, os esportes de natureza como canoagem, alpinismo, pesca, caça; chácaras de recreio e condomínios rurais de segunda moradia (CAMPANHOLA; GRAZIANO DA SILVA, 2000, p. 147).

Pensando assim, o Turismo em Área Rural ou no Meio Rural seria a forma mais ampla, na qual até mesmo atividades relacionadas ao Agroturismo estariam relacionadas. Campanhola e Graziano da Silva (2000, p. 148) apontam que “o Turismo no Meio Rural está relacionado a qualquer atividade de lazer e turismo que seja realizada em áreas rurais, envolvendo, além do Agroturismo, outras atividades não relacionadas a propriedades agropecuárias produtivas, ou com a produção agropecuária”.

Para diferenciar os conceitos de Turismo em Área Rural do Agroturismo, Graziano da Silva (1998) citado por Campanhola; Graziano da Silva (2000) apresenta um conceito muito importante, que pode auxiliar no entendimento sobre o Agroturismo. Segundo o autor esta modalidade está ligada a

Atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade, devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc.), a partir do “tempo livre” das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa. São exemplos de atividades associadas ao agroturismo: a fazenda-hotel, o pesque-pague, a fazenda de caça, a pousada, o restaurante típico, as vendas diretas do produtor, o artesanato, a industrialização caseira e outras atividades de lazer

associadas à recuperação de um estilo de vida dos moradores do campo (G. DA SILVA 1998, Apud CAMPANHOLA; GRAZIANO, 2000, p.148).

Dessa forma, pode-se perceber que o Agroturismo está ligado às atividades que ocorrem em propriedades com atividades produtivas. Segundo Graziano; Vilarinho; Dale (2000)

atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas às quais continuam fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade. Elas devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços agrícolas e bens não materiais existentes nas propriedades rurais, como a paisagem, o ar limpo, no “tempo livre” das famílias que ali residem, com eventuais contratações de mão-de-obra externa (GRAZIANO DA SILVA; VILARINHO; DALE, 2000, p. 20-21).

A última definição pontuada neste momento é a de Turismo Rural. Segundo a leitura demonstrada no início dessa discussão, pode-se perceber que essa modalidade é relativa às atividades turísticas que ocorrem no espaço rural e se relacionam ao conteúdo rural propriamente dito (TULIK, 2006). Zarga (2001, p.9) ao ser citado por Bricalli (2003, p. 67) pressupõe tais condições para definição dessa atividade. Segundo os autores elas devem ocorrer no mundo rural; deve haver uma oferta integrada dos recursos e de atividades turísticas rurais; relação entre os participantes e o entorno autóctone, ou seja, tudo que é próprio da região, tais como: paisagens, população, cultura local, etc.; e a produção de uma inter-relação com a sociedade local. Nota-se com isso, que o Turismo Rural é uma atividade relacionada ao interesse do turista por aspectos que são característicos apenas do meio rural.

Bricalli (2003, p.69) também aponta que os conceitos de turismo rural no Brasil estão ligados à “aplicação combinada da natureza, contato humano e cultura, com pretensões de benefícios para o turista, para a família empreendedora e para a comunidade local”. A partir disso podemos utilizar as ideias de Campanhola; Graziano da Silva (2000), na qual o “turismo rural consiste de um subconjunto específico de atividades que têm estreita relação com o ambiente natural e cultural do meio rural, relacionando-se diretamente com a comunidade e contando com a sua participação”.

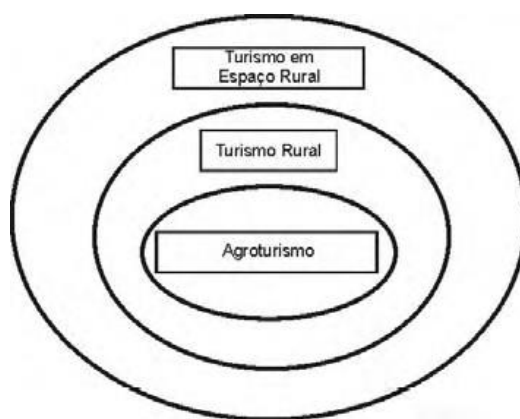
Não há dúvidas de que o crescimento da demanda do turismo rural também ocasionou o aumento no número de estudos nessa área. Como pode ser percebido, muitos

autores buscam entender melhor a dinâmica desta atividade e com isso tipificar e caracterizar o que está sendo desenvolvido de turismo no campo. A busca por definições ainda está em aberto e em processo de discussão. Porém, com o conteúdo apresentado é possível entender certas diferenças entre as principais tipologias abordadas: Turismo em Espaço ou Área rural, Agroturismo e Turismo rural.

Percebe-se que o Turismo em Espaço Rural ou Turismo em Área Rural (abordadas neste trabalho como sinônimas) tem característica mais abrangente, ou seja, engloba outras formas de turismo, na qual qualquer forma de empreendedorismo situado no rural já é considerada dentro dos parâmetros para esta modalidade. Segundo Bricalli (2003), a inter-relação dos empreendimentos com recursos naturais, atividades agropecuárias, com os turistas, bem como o compromisso com o desenvolvimento local da região provocam alteração das categorias turísticas.

É importante citar que mesmo com essas distinções entre as categorias, o aspecto decisivo a ser considerado refere-se ao aproveitamento do ambiente rural. Segundo Graziano, Vilarinho e Dale (1998), mesmo distinguindo essas três categorias, não há dúvidas que elas estejam integradas, formando círculos concêntricos. O Agroturismo seria o mais específico e o Turismo em Áreas Rurais o mais abrangente. Como exemplificado na figura 2 de Candioto, 2010, utilizada também por Geraldo (2012).

Figura 2: Hierarquia do Turismo em Espaço Rural



Fonte: Candioto, 2010.

Dessa forma, pode-se reforçar que o Turismo em Área Rural é o mais abrangente, o Turismo Rural é caracterizado pelo envolvimento do turista com a cultura e ambiente local, já o Agroturismo está relacionado com a presença de atividades agropecuárias dentro da propriedade, onde o turismo entra como reforço extra na renda dos proprietários e trabalhadores da terra.

Neste momento, antes de caracterizarmos as potencialidades turísticas de Ipeúna, recorreremos ao breve entendimento de sua história e de seus aspectos físico-naturais, visto que esses elementos são importantes para a compreensão da realidade atual e do turismo no município.

CAPÍTULO 4

4.1 Ipeúna: Um breve relato histórico

Para compreensão do presente é necessário recorrer-se ao passado e verificar quais aspectos históricos podem auxiliar no entendimento das ações que influenciaram nas configurações atuais de um território. Deste modo, é importante dissertarmos brevemente sobre a história da formação do município de Ipeúna.

Através da literatura, pode-se perceber que Ipeúna foi por muito tempo um distrito do município de Rio Claro. Desta forma, verifica-se que sua história de formação está muito vinculada a Rio Claro. No ano de 1911, o município de Rio Claro era subdividido em quatro distritos: Rio Claro (Sede), Ipojuca⁵ (atual Ipeúna), Itaqueri da Serra e Itirapina e, posteriormente, houve o aumento de mais dois distritos, sendo eles Santa Gertrudes e Corumbataí. Em 1935, os distritos de Itirapina e Itaqueri da Serra se desmembram de Rio Claro, formando o município de Itirapina. Já no ano de 1948, Corumbataí e Santa Gertrudes também se emancipam. Com isso, no ano de 1948, a subdivisão do município de Rio Claro organiza-se da seguinte maneira: Rio Claro (Sede), Ajapi, Assistência e Ipeúna (antiga Ipojuca) (FERNANDES, 2018). Nota-se que naquele ano o município por nós estudado, já era nomeado como Ipeúna.

Diante desses fatos, podemos perceber o motivo pelo qual muito da história de Ipeúna se vincula a Rio Claro, visto que foram vários anos até sua emancipação política, em 1964. Fernandes (2018) aponta a dificuldade de se encontrar registros referentes ao processo de formação e ocupação do município. Segundo a autora o processo de ocupação de Ipeúna se deu a partir da região do Morro Azul⁶, uma área quase desabitada, mas que descreve características dos primeiros habitantes e da agricultura como atividade do local.

Na região conhecida como depressão periférica aconteceram doações de grandes sesmarias: a do Morro Azul, a de Piracicaba e a de Corumbataí. Viviam nessas terras, índios, mamelucos e pequenos posseiros, que plantavam roças de feijão, quase que só para o consumo próprio, e de

⁵Segundo Fernandes (2018 p.90) antes de ser nomeado de Ipeúna, o município foi chamado de Santa Cruz da Invernada, depois Santa Cruz da Boa Vista, Santa Cruz do Passa Cinco, Ipojúca e só no ano de 1944, passou a se chamar Ipeúna.

⁶ Machado (2004, p.34) Os lendários Sertões Do Morro Azul constituíam-se uma verdadeira fronteira natural separando a área conhecida, abrangendo a borda interna da Depressão Periférica Paulista, das regiões mais interioranas e desconhecidas. Eram terras localizadas para além de uma grande elevação azulada, que conferia pertinência ao nome.

milho, que servia como alimento para os animais que, em tropas, passavam em direção ao interior do país. A própria família cuidava do plantio e da pouca comercialização da produção, contando, às vezes, com alguma mão-de-obra escrava. Tudo era feito de forma muito rudimentar e sem o dinamismo necessário para que fosse promovido o desenvolvimento econômico na região (MACHADO, 2004, p.33).

Figura 3: Planta do Sítio Invernada, 1896



Fonte: Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP, 2017.

Como apontado por Fernandes (2018), as doações de terras que ocorreram no Morro Azul geraram a ocupação e formação territorial da região, visto que as grandes propriedades foram formadas a partir da doação dessas sesmarias. Essas ações deram dinâmica a formação de Rio Claro e como Ipeúna estava vinculada a esse município consequentemente iniciou-se o seu processo de ocupação.

Uma das principais terras em que Ipeúna está situada pertencia a um antigo sítio chamado Invernada e, segundo a descrição de uma escritura do ano de 1856, essas terras seriam desmembradas de uma sesmaria localizada na região de Piracicaba. Segundo o Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP (2017) a escritura de compra e venda desse local foi expedida em 1856, promulgada em 1850 e regulamentada em 1853. Nos anos de 1882 e 1896, essas terras foram repartidas por sucessivas vendas, conforme ilustra a figura 3.

Tem-se a informação que um de seus compradores, com maior número dessas partes, na intenção de saber exatamente os limites de sua propriedade, requereu uma Ação de Divisão e Demarcação do referido sítio, na qual apareceram também mais vinte e um coproprietários. Para que as medidas de cada um desses compradores fossem estabelecidas, fez-se necessário a elaboração de uma planta da referida propriedade, obtendo assim, pela primeira vez, as medidas exatas dos 638.747 alqueires e a localização precisa do “Sítio Invernada”, bem como as das partes procedentes dos vários parcelamentos. Neste documento encontra-se a citação de que dentro do perímetro do Sítio Invernada já havia a povoação de Santa Cruz da Invernada. Desde esse momento já se observava um arruamento regular, composto por 14 quadras, parcialmente ocupado onde se destacavam os dois cemitérios, a capela e algumas marcações que levam a entender que eram construções residenciais e comerciais (PLANO DIRETOR DE TURISMO IPEÚNA/SP, 2017, p. 9).

O desenvolvimento dessa região também é explicado pela chegada da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em 1876, à cidade de Rio Claro e que trouxe um expressivo número de imigrantes para as proximidades, com o objetivo de extrair madeira da Serra do Itaqueiri, a qual seria utilizada pela Companhia Paulista. Um acontecimento marcante para o desenvolvimento e composição do patrimônio religioso do município ocorreu no dia 14 de julho de 1986, quando Vicente José Barbosa e Francisco Barbosa Moraes doaram terras para Ipeúna. Segundo o Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP (2007), o primeiro doou seis alqueires à Nossa Senhora da Conceição, já o segundo doou três alqueires à Santa Cruz de Boa Vista. Desse modo, conforme ilustra a figura 4, a cidade passou a se desenvolver em volta da capela construída por pessoas locais.

Figura 4: Antiga Capela de Santa Cruz de Invernada em dia de homenagem a São Sebastião



Fonte: Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP (2017).

No que se refere à economia do município, pode-se perceber que estava pautada na produção agrícola, ocorrendo a passagem da plantação comercial do açúcar para o café. Até a crise do café no início do século XX, essa era a atividade que mais empregava o local e, com a crise houve a redução da produção e consequentemente do trabalho. Com a queda na produção de café, a atividade econômica de extração de cal (calcário) passou a ser explorada a partir do início do século XX, aumentando tanto a demanda de trabalho, como a quantidade populacional.

Essa nova atividade econômica trouxe mudanças importantes para o Distrito em formação. Inicialmente, causou um aumento real de população, uma vez que a atividade exigia um grande número de trabalhadores. Além disso, na trilha da produção de cal, inúmeras atividades correlatas começaram a ser desenvolvidas tais como novas casas de comércio, que surgiram para atender a demanda do aumento populacional, e “frotas” de carros boi, que eram organizadas para dar conta do transporte de cal (MACHADO, 2004, p.58).

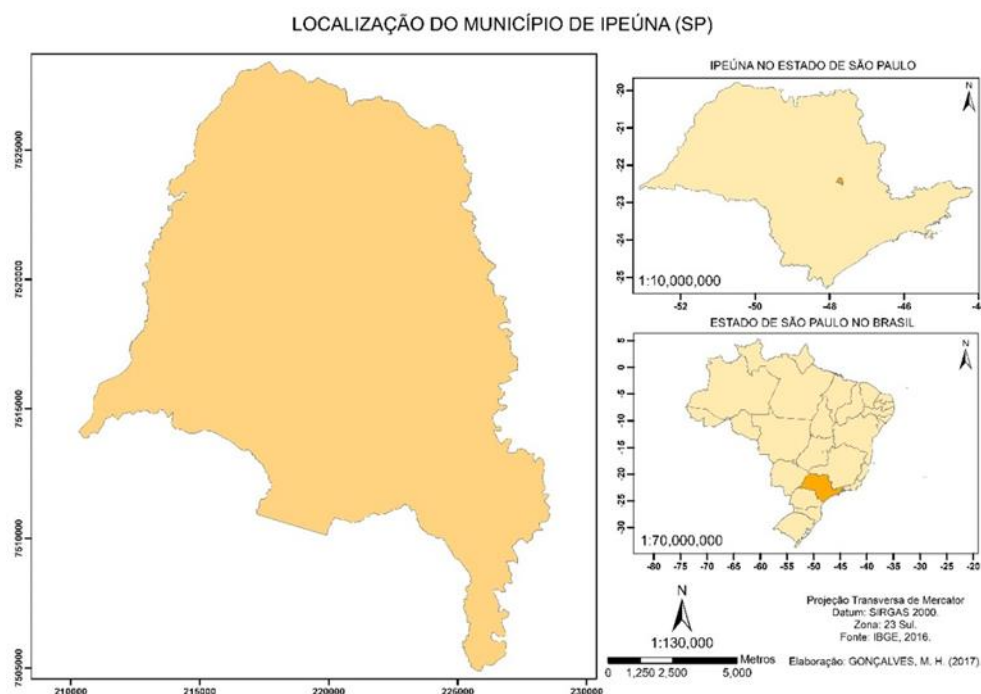
O desenvolvimento dessas atividades econômicas (agrícolas e de extração de cal), ao ofertar possibilidades de emprego, foi fundamental para o aumento populacional, principalmente no que se refere à vinda de imigrantes (italianos, espanhóis, alemães, entre outros) para Ipeúna. As atividades também proporcionaram o desenvolvimento de infraestruturas que levaram o município à emancipação política, que como já citado, ocorreu em 1964, a partir da lei estadual nº 8092.

Desse modo, notamos que o município de Ipeúna historicamente possui grande tradição rural, o que em parte, pode contribuir para pensarmos nas atividades de turismo em área rural. Porém, ao analisar as propriedades rurais do município, pôde-se perceber que de certa forma houve a perda de alguns costumes tradicionais do campo, tais como: as práticas artesanais e a confecção de alimentos tradicionais. Entendendo o município a partir de suas especificidades históricas, cabe discutirmos, nos resultados finais deste trabalho, como estão espacializadas no território ipeunense as propriedades que ainda exercem atividades dentro desse contexto, ressaltando a importância que o desenvolvimento dessas atividades podem exercer para o aumento da renda de pessoas que moram no campo e no desenvolvimento do turismo no espaço rural de Ipeúna-SP.

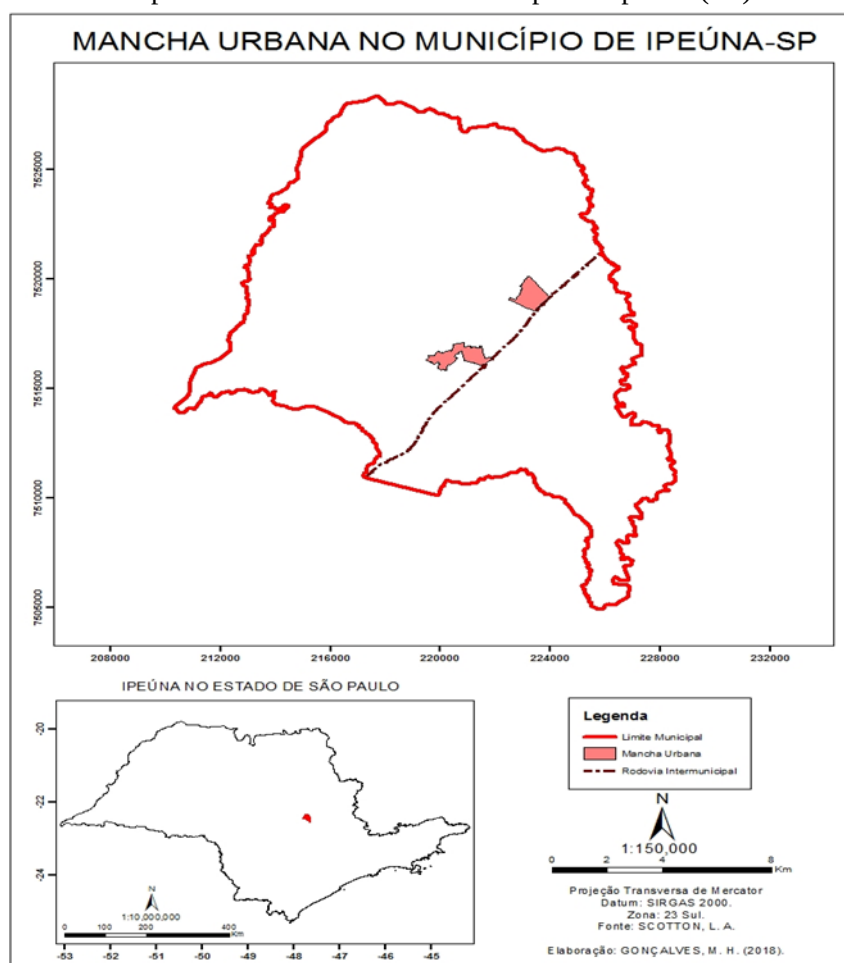
4.2 Ipeúna: Aspectos físico-naturais

Retomando alguns dados que foram expostos no início deste trabalho, Ipeúna localiza-se na região centro-leste do estado de São Paulo, mais precisamente em $22^{\circ} 19'$ e $22^{\circ} 32'$ de longitude sul e $47^{\circ} 38'$ e $47^{\circ} 47'$ de latitude oeste, com altitude média de 635 metros. O município situa-se a uma distância de aproximadamente 198 km da capital São Paulo e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), sua população é de 7.177 habitantes. O mapa 1 apresenta a localização do município. O território municipal faz limite com cinco municípios, sendo eles: Rio Claro, Piracicaba, Charqueada, São Pedro e Itirapina. Como podemos perceber a partir da leitura histórica sobre a formação do município e na leitura e interpretação do mapa 2, nota-se a grande relevância da área rural do município, caracterizado por uma área urbana pequena em relação à sua área total, ou seja, há no município uma expressiva representatividade rural.

Mapa 1: Localização do Município de Ipeúna (SP)



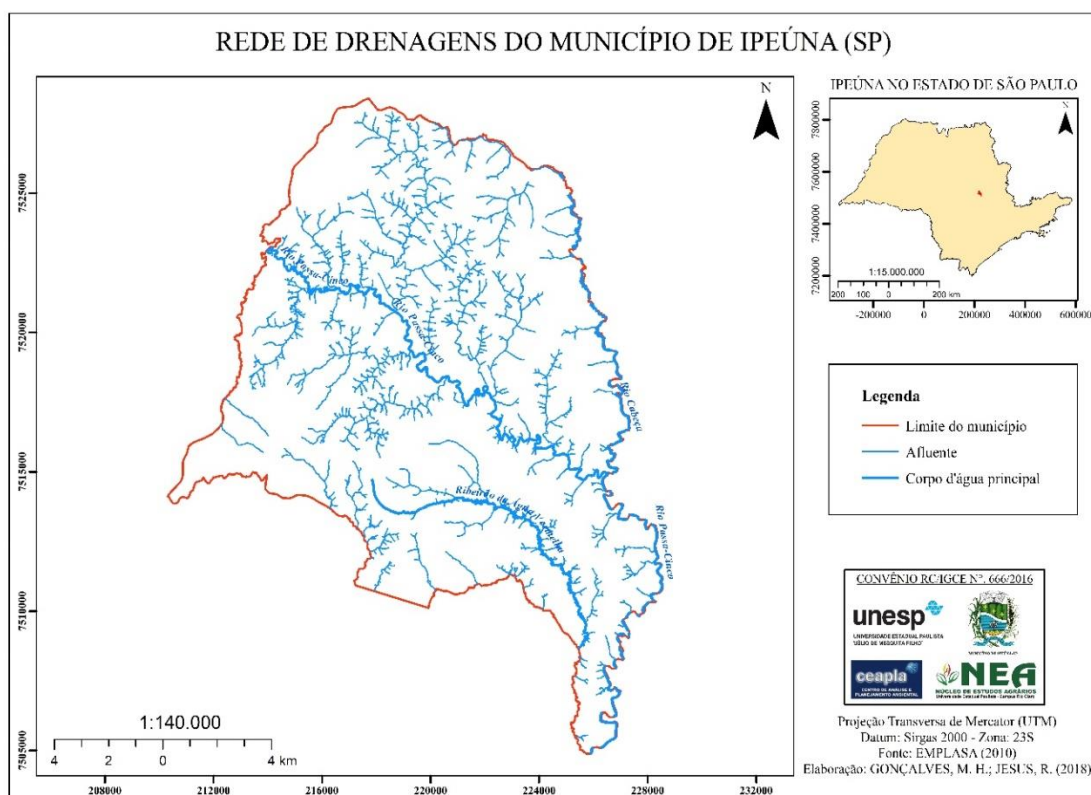
Mapa 2: Mancha Urbana no Município de Ipeúna (SP)



Conforme o mapa 3, em relação ao potencial hídrico do município, os principais rios são: o Passa-Cinco, Rio Cabeça e o Ribeirão da Água Vermelha. Cumpre esclarecer que o Passa-Cinco, fisicamente e historicamente, se constitui como o principal rio do município, pertencente, ainda, à Bacia do Rio Corumbataí. Ademais, sobre a caracterização fisiográfica do rio homônimo à bacia, Zaine; Perinotto (1996) apresentam que

O Rio Corumbataí, com extensão aproximada de 120 km, tem suas nascentes na Serra de Santana, a cerca de 800 m de altitude e vai desaguar no Rio Piracicaba, na cidade de Piracicaba, na cota de 470 m. No alto curso é encaixado e corre em vales estreitos e profundos. Na cidade de Rio Claro, no médio curso, o declive é pequeno, de 2 m/km e corre em vales abertos, com muitas curvas e meandros. Os principais afluentes do Rio Corumbataí são o Rio Passa Cinco pela margem direita e Ribeirão Claro na margem esquerda (Zaine; PERINOTTO, 1996, p. 3).

Mapa 3: Rede de drenagens do município de Ipeúna (SP)



Sobre a composição geológica de Ipeúna, Fernandes (2018) compartilha da mesma leitura de Zaine; Perinotto (1996) ao citar que o município apresenta sedimentos de diferentes formações e grupos. Nota-se que são encontradas rochas antigas que demarcam esses processos geológicos.

No vale do Rio Passa Cinco é possível encontrar afloradas rochas da Era Paleozóica, da Formação Tatuí e Grupo Itararé, que possuem idade de aproximadamente 570-225 milhões de anos. A atividade de mineração de calcário, presente até hoje no município, se dá pela existência da Formação Irati, com idade de aproximadamente 250 milhões de anos. Outros afloramentos encontrados pertencem à Era Mesozóica (225-65 milhões de anos), pela Formação Pirambóia, composta por arenitos amarelados, esbranquiçados e avermelhados, argilitos e siltitos; Formação Serra Geral composta por basaltos e rochas intrusivas no leito do rio Passa Cinco, e Grupo Bauru, basicamente formado por arenitos que afloram na Serra de Itaqueri (FERNANDES, 2018, p. 81).

O município também faz parte da região da Serra do Itaqueri, composta pelos municípios: Águas de São Pedro, Analândia, Brotas, Charqueada, Corumbataí, Ipeúna, Itirapina, Santa Cruz da Conceição, Piracicaba, Rio Claro, Santa Maria da Serra, São Pedro

e Torrinha. A paisagem proporcionada pela Serra do Itaqueri possui grande representatividade para o cenário turístico dessas localidades citadas. Segundo Vieira et all (2013)

A Serra de Itaqueri, nos arredores do município de Ipeúna (SP), é uma província espeleológica que abriga inúmeras cavernas de arenito em suas encostas. Em relação ao estudo de cavernas em litologias carbonáticas, as cavernas de arenito têm seus estudos ainda muito escassos e recentes. A importância relativa (e sobretudo a eficácia) dos possíveis processos formadores e desenvolvedores das cavidades naturais em tal litologia ainda é questão de muito debate dentre os pesquisadores (VIEIRA, 2013, p. 282).

O município está localizado na Depressão Periférica Paulista da borda leste. Típico dessa unidade de relevo, Ipeúna está contígua ao modelado cuestiforme, reconhecido pela sua especificidade de se tratar de uma *cuesta basáltica* (figura 5). Vieira et all (2013) descreve brevemente esta área.

A Depressão Periférica consiste em uma área rebaixada pela erosão situada entre as terras altas do Planalto Atlântico e as cristas das Cuestas Basálticas. Constitui-se principalmente de arenitos com manchas de siltes e argilas. Possui relevo com formas onduladas, de colinas amplas e suaves, com pequena declividade, destacando-se morros testemunhos. As Cuestas Basálticas são derrames basálticos que atuam como um teto protetor das formações areníticas subjacentes menos resistentes, gerando elevadas e festonadas cuestas. Esta província apresenta relevo muito acidentado, suas escarpas apresentam cortes abruptos e íngremes em sua parte frontal e um declive suave em seu reverso (VIEIRA, 2013, p. 283).

Figura 5: Porção da Cuesta em território Ipeunense



Fonte: Prefeitura Municipal de Ipeúna, 2019.

A definição terminológica de Cuesta, segundo Guerra (1980 apud Zaine; Perinotto 1996) está relacionada a

uma forma de relevo dissimétrico constituída por uma sucessão de camadas com diferentes resistências à erosão, que se inclinam numa direção, formando um declive no reverso e uma escarpa abrupta na chamada frente ou “front” da cuesta. É uma feição de relevo comum em camadas sedimentares pouco inclinadas, com ação erosiva fazendo sobressair a frente da cuesta em relação à depressão subsequente. Na região as cuestas podem ser definidas por um capeamento de rochas mais resistentes da Formação Serra Geral e intrusivas associadas sobre rochas sedimentares mais “tenras” das formações Pirambóia e Botucatu (GUERRA, 1980 apud ZAINE; PERINOTTO, 1996, p. 33).

Esta forma de relevo está associada à ocorrência de feições proeminentes e isoladas, ou seja, a formação de morros testemunhos, que são resultados dos processos de evolução do relevo cuestiforme. Em Ipeúna destacam-se os morros testemunhos denominados, Morro do Bizigueli e Morro da Guarita, ambos situados ao norte do município. Ressaltamos a importância desses morros e principalmente da *Cuesta* para o município, visto que esses se tornam patrimônios naturais em virtude de sua beleza cênica, dos elementos bióticos, potenciais hídricos, etc.

Diante dos fatos, pode-se dizer que Ipeúna é privilegiada por recursos naturais que possibilitam o exercício de diversas atividades, dentre elas há destaque para o turismo em sua área rural devido a sua estrutura física. Alguns exemplos que podem ser citados são os morros testemunhos e o relevo de *Cuestas*, cavernas, recursos hídricos, quedas d’água, formações geológicas de interesse econômico, fósseis, sítios arqueológicos e vegetação nativa, esses recursos demonstram o contexto geomorfológico no qual o município se insere e tornam-se possíveis atrativos para as práticas turísticas.

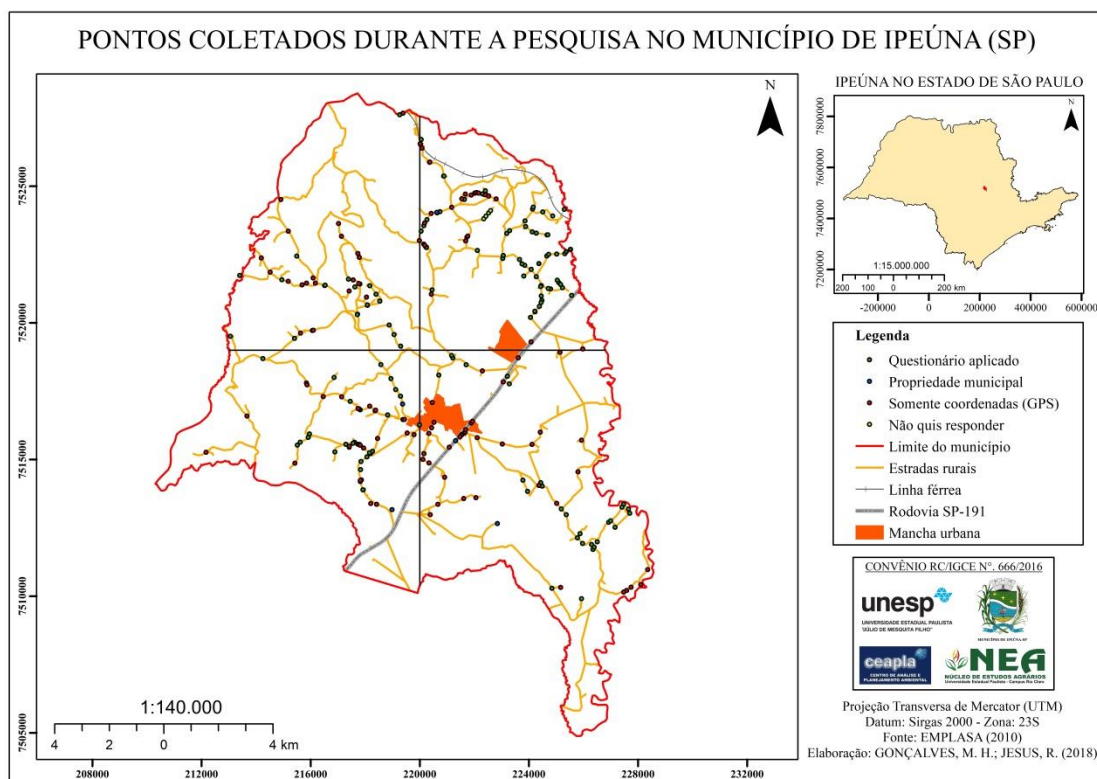
Diante do exposto até aqui, que de certa forma possibilita o desenvolvimento turístico no município, e entendendo que o turismo é algo novo para a localidade, é importante verificarmos como esta atividade se materializa no cotidiano ipeunense. Para isso recorreremos à análise do que já é oferecido pelo município dentro desta modalidade, ou seja, quando uma pessoa vai para Ipeúna, o que ela pode encontrar? Quais são os potenciais turísticos de Ipeúna? Em quais modalidades o município possui vocação expressiva para o turismo?

CAPÍTULO 5

5.1 Ipeúna/SP: potenciais turísticos

Neste momento iremos apresentar as potencialidades turísticas do espaço rural de Ipeúna. Devemos ressaltar que, como já citado, os dados foram obtidos a partir de uma pesquisa de maior amplitude, que foi desenvolvida nos anos 2017 e 2018, resultante de um convênio entre a prefeitura do município e a UNESP de Rio Claro, intitulada como “Desafios e práticas para o desenvolvimento da agricultura natural e do turismo em espaço rural no município de Ipeúna-SP”, na qual participei como bolsista PROEX. A pesquisa iniciou-se devido ao interesse do poder público em resolver algumas questões em sua área rural, entre eles o aumento dos assaltos dentro das propriedades e o crescimento do interesse turístico. Para isso, foi efetuado o levantamento detalhado de 230 propriedades rurais, além da produção de um banco de dados com todas essas informações, fotografias e materiais cartográficos, do qual o mapa 4 faz parte.

Mapa 4: Propriedades rurais com pontos coletados durante a pesquisa – Ipeúna-SP



Com a análise dos pontos coletados (mapa 4), percebe-se que a pesquisa abrangeu quase todo o território ipeunense. O levantamento de dados foi realizado por meio de trabalhos de campo com coleta da localização (coordenadas) das propriedades através do GPS e aplicação de um questionário amplo com aproximadamente 90 questões, que tinham como finalidade entender as principais características das propriedades rurais e mapeá-las. Dentre os diversos tipos de questões existentes, o questionário contava com algumas perguntas cujo objetivo era verificar se nas propriedades havia algum potencial turístico, desde a confecção de artesanatos ou alimentos, até elementos relacionados há algum aspecto natural, como cachoeiras, trilhas, entre outros.

Desse modo, para esta pesquisa foram selecionados os dados relevantes com todas as questões daquele banco de dados relacionadas ao turismo, aprofundando a análise naquelas propriedades rurais que demonstraram possibilidades no desenvolvimento de atividades turísticas. Esses dados também proporcionaram a produção de material cartográfico, representando a identificação dos diferentes potenciais turísticos e localização destes, no território e no município.

Sendo assim, partindo para a análise das potencialidades turísticas, foram feitas aos entrevistados os seguintes questionamentos: Existe algum atrativo natural ou paisagístico na sua propriedade? Na propriedade há lugares que possam atrair visitantes/turistas para passear e/ou praticar esportes? É realizada na propriedade alguma festa religiosa ou cultural que atrai pessoas da vizinhança, da cidade e/ou de outros lugares? Existe alguma construção antiga ou religiosa na sua propriedade? Existe algum atrativo de culinária tradicional na sua propriedade? Existe algum atrativo de artesanato tradicional na sua propriedade? A tabela 1 apresenta em dados numéricos a quantidade de propriedades nas quais os entrevistados responderam de forma afirmativa essas questões.

Tabela 1: Atividades turísticas em propriedades rurais: Ipeúna-SP

Atividades – Propriedades Ipeúna-SP	Qtd. Propriedades
Propriedades rurais com atrativos turísticos para passeio e/ou prática de esportes.	69
Propriedades rurais com atrativos religiosos e/ou culturais.	28
Propriedades rurais com construções antigas e /ou religiosas.	20
Propriedades rurais com atrativos naturais ou paisagísticos.	109
Propriedades rurais com atrativos de culinária tradicional.	43
Propriedades rurais com algum tipo de artesanato tradicional.	15

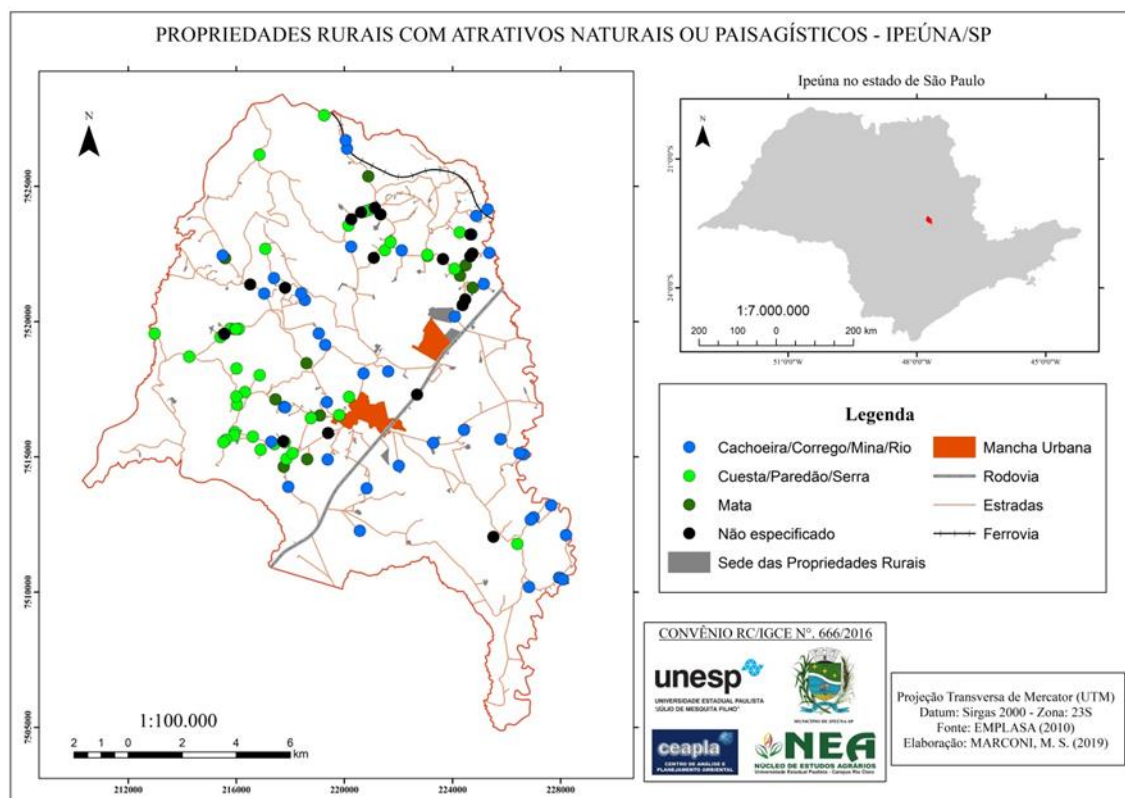
Fonte: Banco de dados da pesquisa “Desafios e práticas para o desenvolvimento da agricultura natural e do turismo em espaço rural no município de Ipeúna-SP”. Organização: MARCONI, M. S. (2019).

A análise da tabela 1 expõe que das 230 propriedades visitadas, 69 propriedades possuem lugares para atrair visitantes para passear ou praticar esportes, 28 realizam festas religiosas ou culturais, 20 possuem construções antigas, 109 apresentam atrativos naturais ou paisagísticos, 43 têm algum tipo de culinária tradicional e 15 realizam artesanato tradicional. Ressaltamos que em algumas propriedades, a atividade turística, mesmo que em pequena escala, já acontece, visto que em outras há apenas o interesse ou alguma potencialidade. Com esses resultados percebe-se que há diversos tipos de modalidades turísticas que podem ser desenvolvidas em Ipeúna, porém, destacamos a maior expressividade numérica das atividades relacionadas às propriedades com recursos positivos para passeio, prática de esportes e com atrativos naturais ou paisagísticos. Porém, antes de chegarmos a algumas conclusões, faremos uma análise dessas potencialidades com o auxílio de materiais cartográficos que foram realizados para este trabalho.

Como já citado, Ipeúna possui um espaço rural marcado por inúmeras belezas naturais e apelos paisagísticos. Esta afirmação fica clara quando analisamos o número de propriedades nas quais os entrevistados responderam positivamente sobre a existência

desses atrativos. A leitura do mapa 5 e da tabela 1, aponta como estão localizadas essas propriedades no território ipeunense e quais são os principais elementos que dão forma às possibilidades para o turismo dentro deste contexto.

Mapa 5: Propriedades rurais com atrativos naturais ou paisagísticos – Ipeúna/SP



A leitura e interpretação do material cartográfico (mapa 5) e da tabela 1, principalmente se comparadas aos outros atrativos que serão apresentados neste trabalho, demonstram que os atrativos ligados aos elementos naturais e paisagísticos são os de maior representatividade. Desse modo, em dados numéricos foram identificadas durante os trabalhos de campo 109 propriedades rurais, das quais 40 possuem cachoeira, córrego ou mina; 40 são representadas por questões relacionadas à paisagem da *Cuesta*, Paredão ou Serra; 18 possuem algum tipo de apelo natural ou paisagístico, mas não quiseram especificá-los; e por fim, 11 propriedades contêm matas as quais, se estruturadas, podem ser locais para atividades turísticas.

Sobre a localização das propriedades que contêm os elementos citados, pode-se dizer que o município, de forma geral, possui em todas as áreas algum atrativo ligado à sua

paisagem natural. Os pontos em azul, que representam a existência de rios, minas, córregos ou cahoeiras, estão bem espacializados, demonstrando o rico potencial hídrico do município. Esses elementos representam grandes potencialidades para o turismo, atraindo pessoas que desejam realizar atividades de lazer, contemplação de paisagens, prática de esportes, entre outros.

Representados pela cor verde clara, os elementos ligados à *Cuesta* e seus atributos, foram expressivos e muito importante de serem citados. Podemos observar uma forte concentração de pontos na parte sudoeste do território ipeunense, visto que é nesta faixa que se localiza fisicamente a *Cuesta*. Porém, com a leitura atenta do mapa 5, percebe-se que há pontos espalhados por áreas situadas em localizações mais distantes da qual a *Cuesta* se encontra, ou seja, a paisagem proporcionada pelo relevo cuestiforme pode ser vislumbrada até mesmo em propriedades que estão à Nordeste, Norte e Sul do território ipeunense (Figura 6).

Figura 6: Paisagem proporcionada pela *Cuesta* em algumas propriedades rurais – Ipeúna/SP



Fonte: Sibeli Fernandes. Trabalho de campo, 2017/2018.

A paisagem natural da *Cuesta* é importante e pode ser considerada um potencial de suma importância para o turismo de Ipeúna, pois é um elemento que visualmente representa muito para o município por conta de sua beleza cênica, que pode ser vislumbrada em muitas propriedades e, também, por proporcionar grande diversidade de atrativos naturais

que acabam se tornando positivos para a prática turística em diversas modalidades, tais como: o ecoturismo, o turismo esportivo, o turismo de aventura, entre outros. Não há dúvidas de que a *Cuesta* é o grande diferencial de Ipeúna.

Com relação aos pontos verde escuro, temos expressas áreas de vegetação encontradas nas propriedades rurais e que podem tornar-se referenciais para o turismo por conta da beleza natural, atuando como um atrativo para pessoas interessadas manter contato com a natureza e contemplar a paisagem, sendo um diferencial, principalmente para a população urbana de grandes centros. Nota-se que essas propriedades estão situadas em maior concentração na área Sudoeste, ou seja, próximas à *Cuesta*, afirmando mais uma vez a importância que esta exerce para a biodiversidade de Ipeúna.

Neste contexto, ressaltamos que Ipeúna está inserida em duas áreas de Preservação Ambiental – APAs, sendo elas: “APA Corumbataí – Perímetro Corumbataí” e “APA Piracicaba/Juqueri Mirim – Área I”. Essas áreas permitem o uso sustentável de seus recursos. Segundo Fernandes (2018)

A área indicada para a APA Corumbataí passa pelos municípios de Ipeúna, Rio Claro, Itirapina, Analândia, Charqueada e Corumbataí. Já a criação da APA Piracicaba/Juqueri Mirim – Área I foi criada pelo Decreto Estadual de 1987, com a finalidade de proteger as áreas e afluentes pertencentes ao alto curso da Bacia Hidrográfica do Rio Piracicaba; chegando a se sobrepor à APA Corumbataí, anteriormente citada. Envolvem os municípios de Ipeúna, Rio Claro, Analândia, Corumbataí e Itirapina (FERNANDES, 2018, p. 82).

Diante do apresentado e de suas especificidades ambientais referentes à elementos físicos e naturais presentes em seu território e em sua região, é de expressiva importância entendermos que esses, por serem de ordem natural, exigem políticas para manutenção, conservação e criação de infraestruturas turísticas que valorizem essas áreas, preservando-as e criando boas condições para turistas e trabalhadores.

Dentro do contexto paisagístico e natural voltado para o turismo e se apresentando como resultado da multifuncionalidade dessa paisagem, dissertaremos sobre duas potencialidades para o turismo de Ipeúna, sendo elas a observação de aves e os sítios arqueológicos.

A observação de pássaros é uma atividade que tem ganho espaço em Ipeúna. A partir de uma ⁷ conversa com o coordenador do Turismo do município, foi relatado que o município possui registradas aproximadamente 280 espécies de aves em seu território, chamando a atenção da secretaria do turismo e de pessoas interessadas em desenvolver essa prática. Observando este potencial, foi organizada a primeira passarinhada do turismo em Ipeúna/SP, evento que contou com a presença de um profissional da área, com o objetivo de explicar, na teoria e na prática, as técnicas de observação para a população. A figura 7 representa o fôlder do evento e algumas espécies fotografadas durante os trabalhos de campo de nossa pesquisa.

Figura 7: Fôlder da 1ª Passarinhada do Turismo em Ipeúna/ Fotos de algumas espécies de aves encontradas durante os trabalhos de campo



Fonte: Prefeitura Municipal de Ipeúna, 2019; Sibeli Fernandes. Trabalho de campo, 2017/2018.

⁷ No dia 23/08/2019 foi realizada uma entrevista com o coordenador de turismo de Ipeúna e, posteriormente com um empresário local. O objetivo geral dessa entrevista foi entender as diferentes visões da realidade turística do município principalmente após a conquista do MIT. Ambas as conversas tiveram áudios gravados, transcritos e foram norteadas pelas mesmas quinze perguntas.

Dessa forma, analisando a observação de aves como uma potencialidade para atração de visitantes e turistas interessados nessa prática, os órgãos representantes do turismo pretendem estruturar melhor as atividades, trazendo mais eventos que tornem Ipeúna cada vez mais conhecida dentro dessa modalidade.

Outro aspecto relacionado às características naturais do município de Ipeúna são seus sítios arqueológicos. Segundo o Plano Diretor de Turismo de Ipeúna/SP, 2017, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN tem cadastrado 15 sítios arqueológicos em Ipeúna e mais de 100 na região dos municípios que integram a APA de Corumbataí e Piracicaba I.

Desse modo, destaca-se em Ipeúna o sítio arqueológico Alice Boer, que possui acervos compostos por peças líticas lascadas, polidas e de cerâmica que contam a história dos habitantes originais das terras (Figura 8). A região é alvo de inúmeros estudos e pesquisas, ou seja, essas especificidades se caracterizam como um diferencial para a história do município, educação patrimonial e atração de turistas.

Figura 8: Alguns tipos de materiais arqueológicos encontrados em sítios arqueológicos de Ipeúna



Fonte: Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP, 2017.

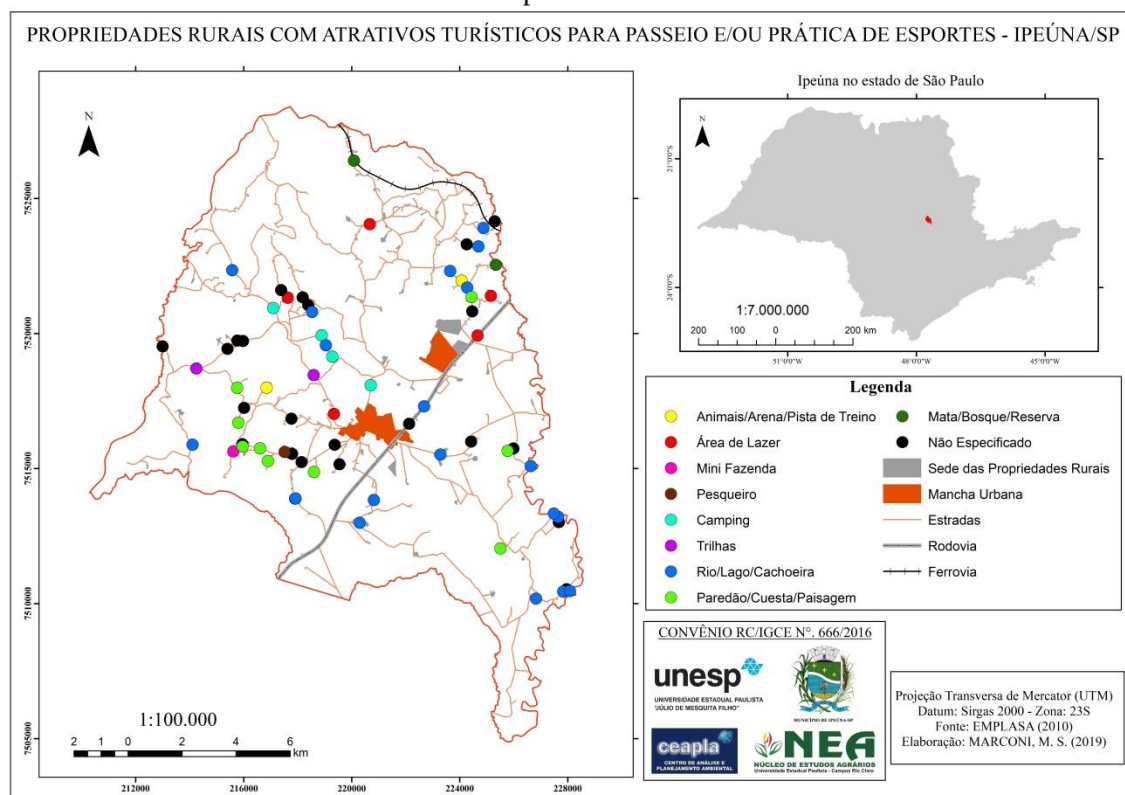
A leitura do Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP, 2017, aponta que muito dos materiais encontrados estão com colecionadores, pois Ipeúna não possui nenhum museu ou instituição para calalogar, expor ou arquivar os materiais. Entendendo isso como algo importante para o desenvolvimento do turismo e para a história de Ipeúna, torna-se

necessário procurar meios e parcerias para constituição de um museu ou de algum instituto que possa cuidar desses materiais, catalogá-los e expor de forma pública, disseminando para a comunidade essa riqueza histórica encontrada em Ipeúna e favorecendo de forma positiva o conhecimento e o turismo.

No contexto dos atrativos turísticos relativos à prática de esporte e de passeio, pudemos perceber uma característica multifuncional do espaço rural ipeunense e de sua paisagem, visto que seus potenciais naturais e paisagísticos podem abrigar tanto pessoas com o intuito de passear, como para desenvolver algum tipo de esporte. Um exemplo prático que pode ser utilizado é o das trilhas, nas quais uma família pode utilizá-las para passeio e contemplar a paisagem. Já para atletas de mountain bike, ela é tida como um meio para prática do esporte.

O espaço rural de Ipeúna tem se mostrado positivo para práticas esportivas, principalmente por conter trihas, cachoeiras, paredão, rios, enfim, belezas naturais e paisagísticas que propiciam modalidades esportivas específicas. No que se refere à atrativos turísticos para passeios, nota-se que isso está ligado ao aproveitamento do que o município oferece para pessoas que estão interessadas em manter contato com a natureza através da realização de caminhadas em trilhas, contato com o modo de vida e da paisagem rural, visitação em cachoeiras, lagos, rios, chácaras, ranchos, ou seja, atividades relacionadas ao lazer. A leitura do mapa 6 demonstra como está espacializado no município de Ipeúna as propriedades com atrativos e potenciais para essas modalidades turísticas citadas.

Mapa 6: Propriedades rurais com atrativos turísticos para passeio e/ou prática de esportes – Ipeúna/SP



Como pode ser observado a partir da tabela 1 e do material cartográfico, 69 propriedades rurais apresentaram atrativos relacionados à prática de esportes e de passeio. Esses locais estão concentrados em maior expressividade na parte sudoeste do município, próximas a um dos principais apelos paisagísticos de Ipeúna, a *Cuesta*. Percebe-se também, que há outra concentração, porém menor, no sentido nordeste do território ipeunense.

Analisando os dados quantitativos verifica-se que as potencialidades que mais foram citadas são relativas a elementos naturais tais como: rios, lagos, cachoeiras e à *Cuesta*. Ressaltamos que os pontos representados na cor preta representam locais onde há algum atrativo turístico, porém estes não foram informados. Dessa forma, a partir da espacialização desses potenciais, dissertaremos sobre as características gerais de atividades que podem ser ou já são desenvolvidas em alguns deles, ou seja, as características das potencialidades do município.

A paisagem proporcionada pela *Cuesta* é um grande potencial para o turismo ipeunense, pois, além desta possuir uma impressionante beleza e ser notada em quase todos

os pontos do município, nela estão localizados rios e cachoeiras, cavernas e grutas. O relevo cuestiforme, combinado com a prática esportiva de Off-Road, de veículos motorizados, passeio de bicicletas ou caminhadas, são os principais atrativos de Ipeúna. Algumas dessas atividades citadas podem ser visualizadas na figura 9.

Figura 9: Modalidades esportivas combinadas com os elementos naturais do espaço rural de Ipeúna/SP



Fonte: Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP, 2017.

A leitura do Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP (2017) confirma a afirmação de que as principais atividades turísticas do município são as de Off-Road, veículos motorizados, passeios de bicicletas e caminhadas, modalidades que só são possíveis graças à presença de trilhas. As duas principais trilhas, identificadas no mapa 6, são as trilhas do Cabrito e do Vagalume, que proporcionam aos turistas emoção durante o trajeto e contato com a natureza. É importante ressaltar que, devido à essas especificidades, Ipeúna tem sediado algumas competições esportivas como, por exemplo, a 5ª Etapa Copa Soul Mountain Bike, realizada no dia 14 de julho de 2019. Outro fator proporcionado pela

Cuesta, que une as belezas naturais ao esporte, são as atividades de montanhismo e rapel, que podem ser desenvolvidas no paredão e que geralmente são bem procuradas por turistas interessados em esportes de aventura.

Ainda no contexto do turismo esportivo e de aventura, Ipeúna possui um local com fatores potencialmente favoráveis para saltos de voo livre (Figura 10). O esporte tem sido praticado no município de São Pedro, porém há uma proposta de se construir uma rampa de salto na área da *Cuesta* situada em Ipeúna. O local, segundo especialistas é muito positivo para o voo, apresentando pontos para decolagem; condições climáticas de solo e relevo favoráveis para à formação de térmicas, que permitem que o voo seja estável e duradouro; além de boas condições para pouso. A grande especificidade é que esta rampa estará localizada em uma área que prevalece saltos em frente aos ventos Leste e Norte.

Figura 10: Locais para decolagem frente aos ventos Leste e Norte e área para voo Ipeúna-SP

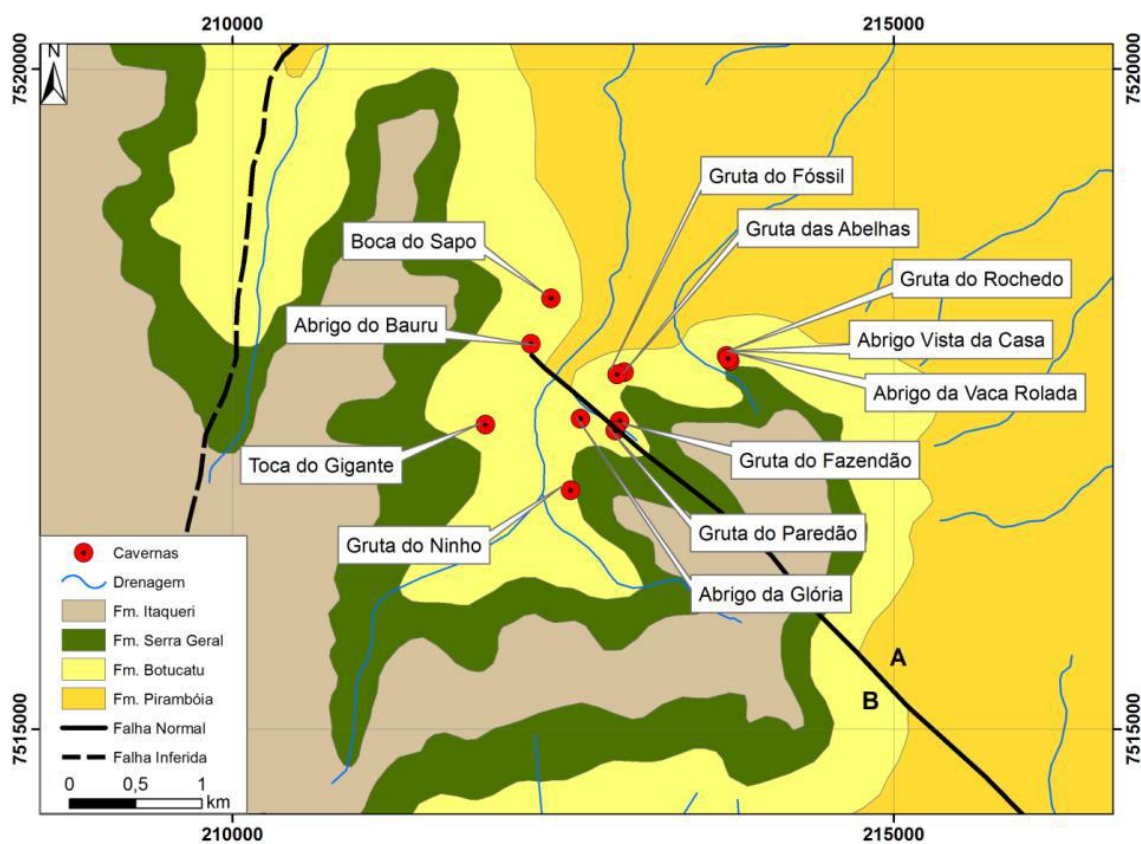


Fonte: Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP, 2017.

O grande problema para a construção desse espaço é que ele situa-se em uma propriedade privada, na qual o proprietário e o arrendatário do local não entram em acordo com o Poder Público para que a área seja liberada para a prática do voo livre. Desse modo, pensando nessa modalidade como potencial para o turismo em Ipeúna, é necessário que as gestões políticas procurem meios para a resolução desta problemática, pois o lugar pode tornar-se uma referência para a atividade, atraindo turistas interessados em realizar voos.

Como já fora citado, Ipéuna faz parte da Serra do Itaqueri. Segundo o Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP (2017), estão localizadas no município 14 cavidades nos paredões, ou seja, um expressivo número de cavernas e grutas, que podem tornar-se atrativas para pesquisadores e turistas. O documento também aponta que sete dessas cavernas estão no Cadastro Nacional de Cavernas do Brasil (CNC) e mais cinco já foram recentemente estudadas. O mapa 7 traz o nome e a localização das principais.

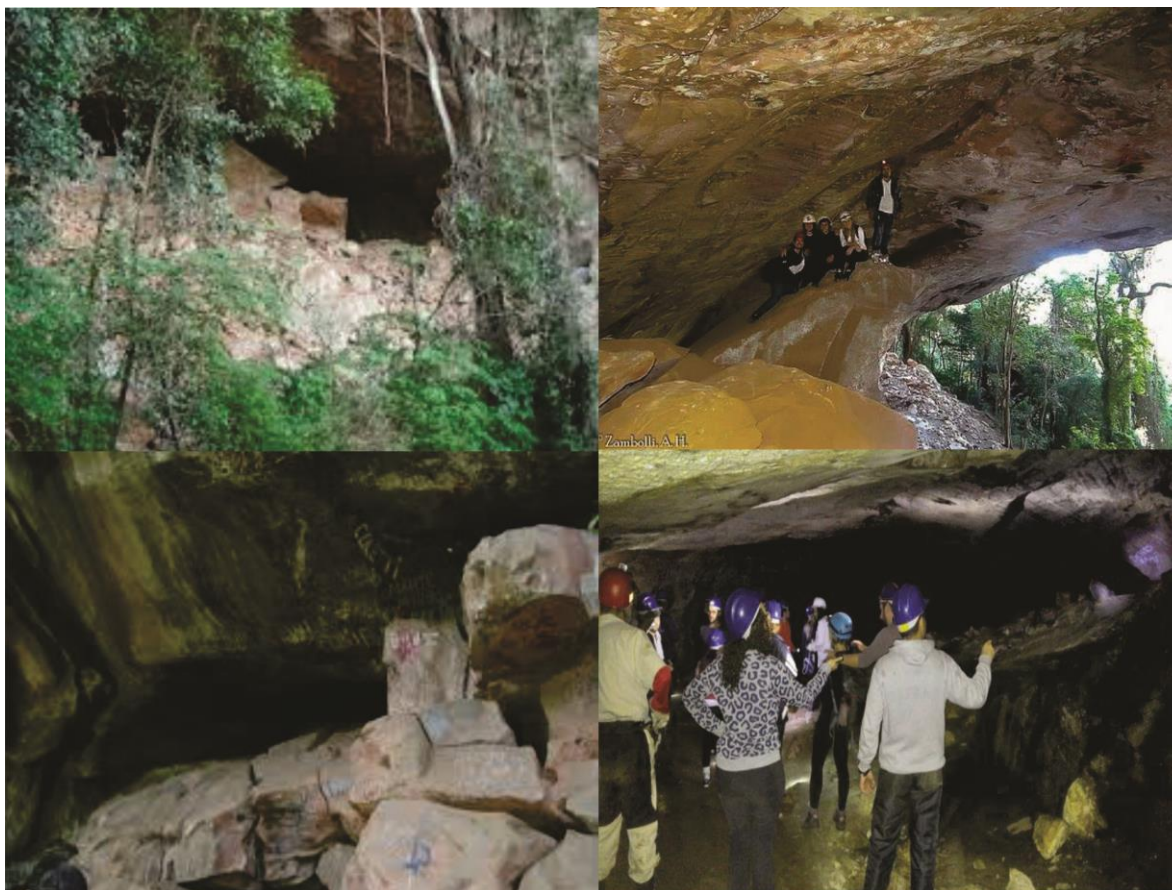
Mapa 7: Distribuição de cavernas e grutas – Ipeúna/SP



Fonte: Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP, 2017.

É importante citar que embora exista um número expressivo de grutas e cavernas, nem todas são de fácil acesso e estão disponíveis para atividades turísticas, devido ao grau de periculosidade e à falta de acesso, o que demanda prática especializada para visita das áreas. Porém, as grutas intituladas como Gruta do Fazendão e a Gruta da Boca do Sapo (Figura 11), são áreas que mesmo com a falta de sinalização, recebem certa quantidade de pessoas e já podem ser consideradas para visita e turismo.

Figura 11: Gruta da Boca do Sapo e Gruta do Fazendão – Ipeúna/SP



Fonte: Plano Diretor de Turismo de Ipeúna/SP, 2017.

Como pode ser observado no mapa 6, Ipeúna possui potencialidades turísticas relacionadas a seus rios e cachoeiras. Por isso, é importante citarmos os principais cursos d'água que cortam as propriedades rurais, proporcionando-lhes paisagens naturais bastante atraentes. Dessa forma, como já exposto por este trabalho, os principais rios são: Rio Cabeça, Rio Passa Cinco e Ribeirão da Água Vermelha. Esses rios formam as principais cachoeiras e quedas d'água encontradas em Ipeúna, tais como: a Cachoeira da Lapinha, o Salto do Ribeirão das Águas e a Cachoeira do Lajeado (Figura 12).

Figura 12: Principais cachoeiras localizadas em Ipeúna/SP



Prefeitura Municipal de Ipeúna, 2019; Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP, 2017.

Outro atrativo turístico, ligado a esses elementos e que estão dispostos para visitação, lazer e aproximação com a natureza, é o Salto do Nhô Tô (Figura 13), localizado no Parque Ecológico Henrique Barbeto, dotado de águas cristalinas do Ribeirão dos Sinos, que brota a menos de meio quilômetro do local. Segundo o Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP (2017) o Parque Ecológico possui dois alqueires e meio (6 ha ou 60.500,00 m²). Além da cachoeira, outros atrativos chamam a atenção de turistas e moradores da cidade, pois, o local conta com espécies de árvores nativas e frutíferas, área de lazer para churrasco, caminhada, descanso e gramado para prática de esportes coletivos.

Diante do apresentado, percebe-se que o espaço rural de Ipeúna é composto por uma série de elementos ligada a questões naturais e paisagísticas, que possibilitam o lazer, a contemplação da natureza e a prática de esportes radicais e de aventura.

Figura 13: Cachoeira Salto do Nhô Tô, localizado no Parque Ecológico Henrique Barbeta – Ipeúna/SP.



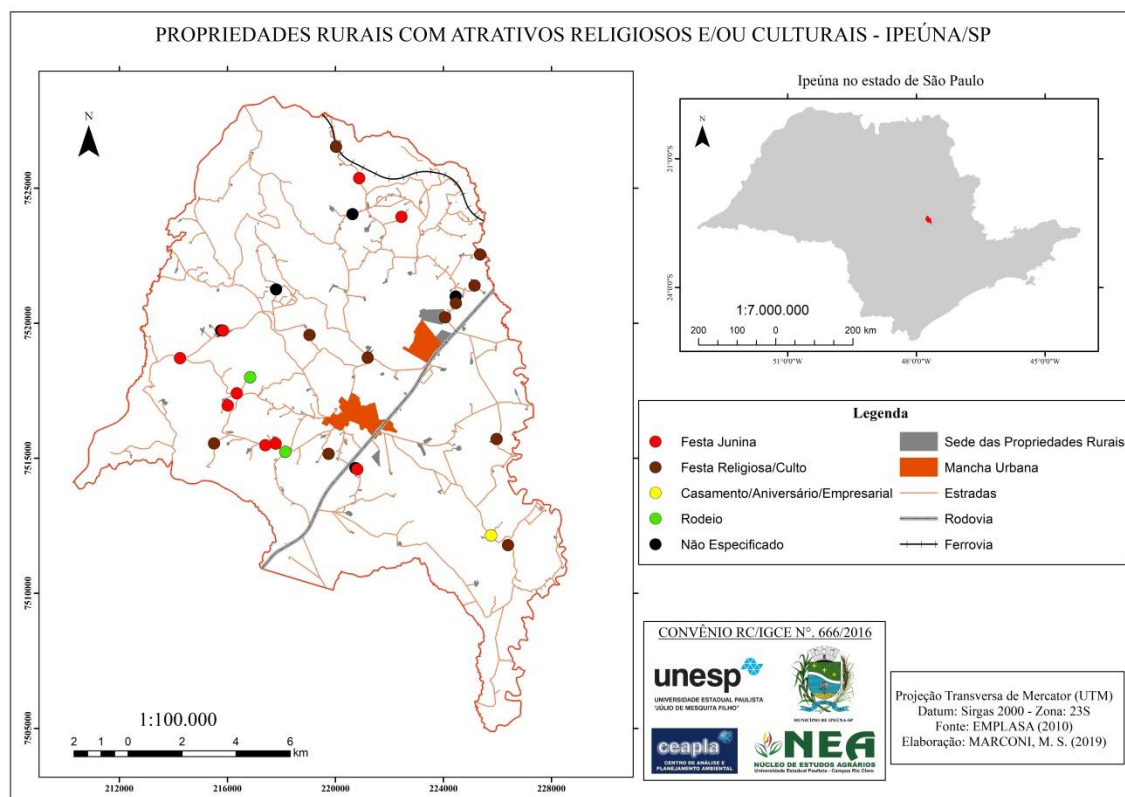
Fonte: Sibeli Fernandes. Trabalho de campo, 2017/2018.

Neste momento, serão analisados outros tipos de potencialidades turísticas do município, essas relacionadas à outras especificidades de nossa área de estudo, tais como: atrativos culturais, religiosos, arquitetônicos, gastronômicos e de hospedagem.

Pensando no turismo voltado para atrativos religiosos e culturais do município de Ipeúna levantou-se o número de propriedades rurais com potencialidades no desenvolvimento de algumas atividades dentro deste contexto. Parte-se da ideia de que os turistas podem se interessar por eventos típicos do espaço rural, tais como festas juninas, eventos religiosos e rodeios. Também se pode pensar no espaço rural como abrigo para festas de casamento, aniversário e de empresas, visto que atualmente há o crescimento no número pessoas, principalmente de grandes cidades, que utilizam as estruturas fornecidas

por propriedades rurais para realizarem esses eventos. A leitura do mapa 8 demonstra como essas atividades estão especializadas em Ipeúna.

Mapa 8: Propriedades rurais com atrativos religiosos e/ou culturais – Ipeúna/SP



Em um contexto histórico, sabe-se que o espaço rural sempre foi caracterizado por festas típicas, principalmente relacionadas aos costumes religiosos e culturais da população residente. Ao analisarmos o mapa 8 e a tabela 1, percebe-se que das 230 propriedades visitadas durante a pesquisa, apenas 28 possuem atrativos religiosos e culturais, sendo as atividades relacionadas a festas juninas e religiosas as mais representadas. Esses resultados demonstram que a religiosidade é algo presente no campo de Ipeúna. Porém, dentro dessa temática e percebendo os números como não tão expressivos, pode-se dizer que muitas práticas tradicionais relativas a festas culturais, religiosas e tradicionais estão sendo perdidas no espaço rural ipeunense.

Um elemento importante de se ressaltar é novamente a concentração de propriedades próximas à *Cuesta*, a qual, como anteriormente citado, exerce grande influência sobre a atividade turística no município. Esse fator pode ser positivo, pela

facilidade com que os turistas podem tomar conhecimento dos eventos, ou seja, a proximidade das propriedades que possuem atrativos religiosos e culturais com as outras modalidades turísticas é algo que pode tornar o turismo mais dinâmico e multiplicador, principalmente pelo fato de propiciar aos turistas facilidades de locomoção e de conhecimento dos eventos.

Sabendo da importância que as festividades podem ter para um município turístico, cabe então, dissertarmos sobre uma tradicional festa religiosa desenvolvida em Ipeúna, a festa de São Sebastião (figura 14). O evento é realizado no mês de julho e se encontra na sua 128ª edição, no qual são realizadas atividades religiosas, como missas e procissão, bem como a quermesse, que conta com várias barracas de quitutes. Há também o serviço de bar e cozinha, contando com pratos típicos, como cuscuz, churrasco, leitoa e frango assados, entre outros. A festa ainda conta com atrações musicais, leilões e queima de fogos.

Figura 14: Festividade de São Sebastião em Ipeúna/SP



Fonte: Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP, 2017.

Diante do exposto, Ipeúna possui em suas propriedades potenciais que valorizam as atividades culturais e religiosas de seu espaço rural e que podem se estruturar e despertar o interesse de turistas. A festa anual de São Sebastião também atua de forma positiva para isso, visto que ela acaba atraindo pessoas de outros municípios, o que além de gerar renda, torna visível as potencialidades e os pontos turísticos de Ipeúna.

Durante os trabalhos de campo foram encontradas edificações antigas, em propriedades rurais e áreas urbanas, com caráter histórico ligado ao período em que o café e a extração de calcário eram as principais atividades econômicas de Ipeúna (figura 15).

Desse modo esses casarões centenários guardam características originais de sua construção, podendo receber obras de conservação, recuperação e até mesmo de refuncionalização, tornando potenciais para o aproveitamento turístico em diversas finalidades, como visitação, hospedagem, museus e restaurantes.

Figura 15: Casarões antigos encontrados na área rural de Ipeúna-SP



Fonte: Sibeli Fernandes. Trabalho de Campo, 2017/2018.

Também são encontradas em propriedades rurais construções religiosas, as quais demonstram a fé das pessoas residentes no campo. Essas propriedades, em sua maioria, fazem referência à religião católica e as estruturas vão desde capelas e pequenos oratórios, até estruturas maiores, que se aproximam da arquitetura de igrejas. A figura 16 retrata alguns desses elementos que foram verificados durante as visitas em propriedades rurais do município.

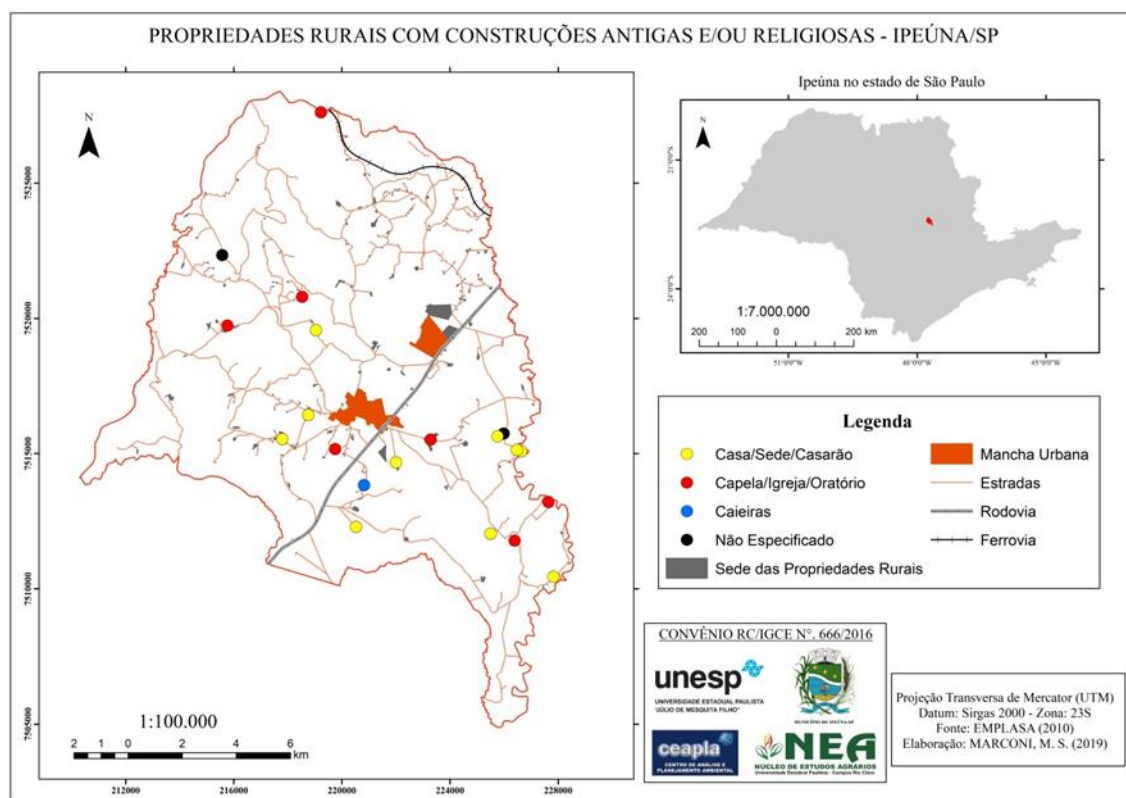
Figura 16: Construções religiosas em área rural de Ipeúna/SP



Fonte: Sibeli Fernandes. Trabalho de Campo, 2017/2018.

Com a leitura do mapa 9, nota-se que 20 propriedades apresentaram construções antigas e religiosas. Pode-se dizer que essas propriedades estão espalhadas pelo território ipeunense e que a maior concentração delas se encontra ao sul do município. Algumas dessas construções representam importante patrimônio histórico-cultural, sendo exemplos da arquitetura padrão apresentada pelos casarões do período cafeeiro.

Mapa 9: Propriedades rurais com construções antigas e/ou religiosas – Ipeúna/SP



Dessa forma, como já foi citado, se houver interesse de proprietários, novas funções podem ser atribuídas a esses lugares. Fernandes (2018), em seu trabalho, traz uma importante contribuição para essa questão, ao apontar que:

[...] o tombamento pelos órgãos competentes e sua incorporação ao roteiro turístico com um resgate dos aspectos da história da agricultura do município, apresentando que em Ipeúna existiam propriedades rurais que ao longo do tempo eram dedicadas a plantação de café e que hoje cumprem outro objetivo, enfatizando a função da manutenção do patrimônio histórico e cultural. Essas possibilidades poderiam atrair um público que tem como motivador principal o interesse e curiosidade pela história e cultura (FERNANDES, 2018, p. 167-168).

Com isso, nota-se que há inúmeras estratégias para refuncionalização dessas construções, transformando-as em infraestruturas turísticas de expressiva importância para o desenvolvimento de um turismo que valorize as heranças arquitetônicas e históricas do

município. Ressaltamos, nesse contexto, a existência, na zona urbana da sede do município, de edificações antigas e do museu de Ipeúna (figura 17).

Figura 17: Construções antigas e Museu Municipal de Ipeúna/SP, ambos situados em área urbana



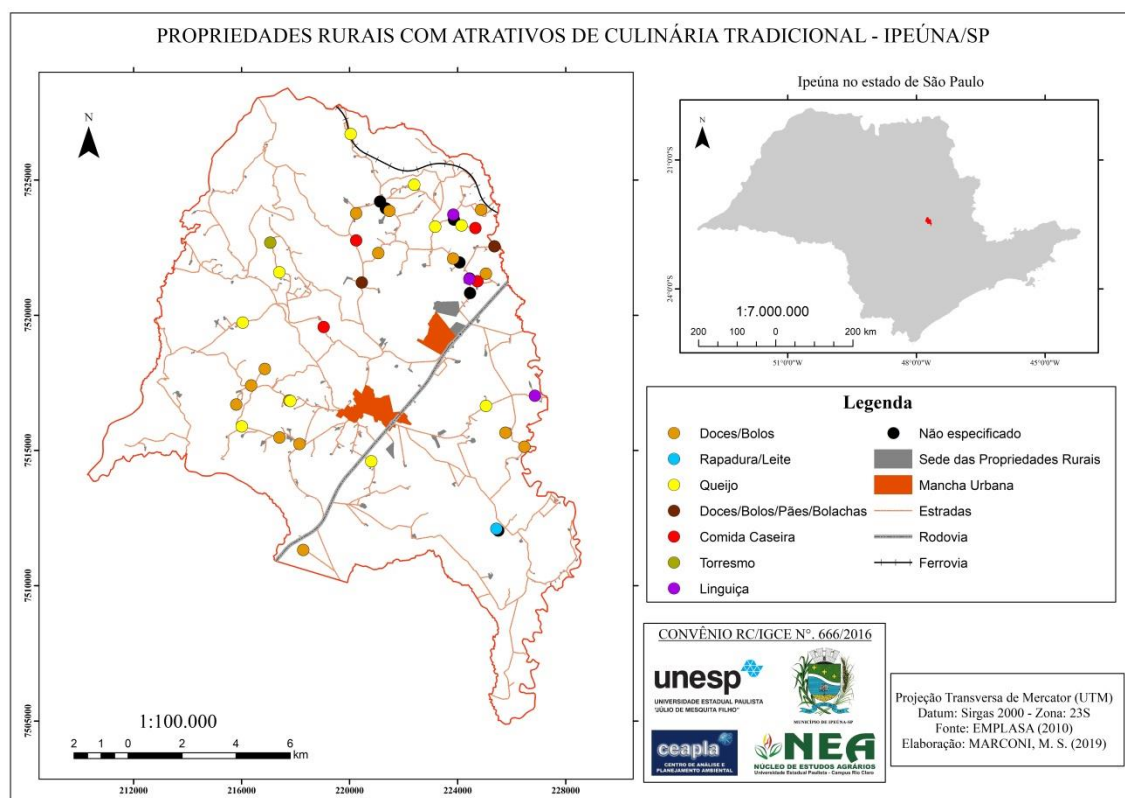
Fonte: Sibeli Fernandes. Trabalho de campo, 2017/2018.

Situado no centro da cidade, o museu de Ipeúna representa, na prática, uma forma refuncionalizada, pois encontra-se instalado em uma construção antiga. Esta, muito provavelmente, tenha sido uma moradia ou mesmo um local de trabalho, sendo que atualmente contribui para recordação e entendimento do passado e da história de Ipeúna. Dessa forma, como o município possui outras propriedades com casarões antigos, esses também podem exercer novas funções e a partir disso, receber turistas.

Como pode ser observado, o espaço rural possui inúmeros elementos que dão possibilidades para o desenvolvimento do turismo. Nesse contexto, podemos indicar os atrativos culinários, chamados tradicionalmente de “comida da roça” como uma potencialidade para o turismo, pois há um expressivo número de turistas interessados em

conhecer, provar e se alimentar com algum tipo de alimento caseiro, típicos do espaço rural. Pensando dessa forma, foi perguntado durante aplicação dos questionários, se havia na propriedade a fabricação de algum desses produtos. Dessa forma, o mapa 10 foi realizado baseado nas respostas positivas sobre esta temática.

Mapa 10: Propriedades rurais com atrativos de culinária tradicional – Ipeúna/SP



Com a leitura do mapa 10 pode-se perceber que as propriedades com atrativos de culinária tradicional estão situadas, com maior expressividade, a Nordeste e a Sudoeste do território de Ipeúna. Diante do apresentado, nota-se que diversos produtos foram citados, entre eles: doces, bolos, rapadura, leite, queijo, pães, bolachas, comida caseira, torresmo e linguiça. A confecção desses alimentos de caráter típico rural são especificidades que podem tornar-se grandes atrativos para turistas interessados em conhecer, provar e comprar esses produtos. Em dados numéricos, verifica-se que das 230 propriedades visitadas, apenas 43 propriedades adotam alguma dessas práticas, ou seja, um número não tão expressivo. Porém, a análise do mapa, nos permite verificar que as principais confecções são relativas

aos doces, bolos e queijos (figura 18), sendo o último um alimento ligado à tradição da pecuária leiteira do município.

Figura 18: Queijos fabricados em propriedades rurais de Ipeúna/SP



Fonte: Sibeli Fernandes. Trabalho de campo, 2017/2018.

Deste modo, entendendo essa questão gastronômica como importante para o turismo de Ipeúna e percebendo que o número de propriedades com esses atrativos não é muito expressivo, isso pode ser um ponto negativo para o turismo, principalmente em área rural. Porém, pensando de forma positiva, se houver o aumento da demanda turística, pode ser que essas atividades sejam recuperadas ou até mesmo que incentivem novas pessoas a desenvolverem essas práticas.

Nesse contexto, com o intuito de valorizar e estimular o avanço do turismo gastronômico, anualmente tem sido desenvolvido pela comunidade da região da Serra do Itaqueri um festival gastronômico, que no ano de 2018 ocorreu no município de Torrinha e

mais recentemente, no ano de 2019, em Piracicaba. Ressalta-se que nesses eventos Ipeúna foi representada pelos produtos da agricultura natural advindos da empresa Korin.

No contexto de um turismo voltado para produção gastronômica, ressaltamos a existência de uma fábrica de cerveja artesanal, chamada de Brew Center Cervejas (Figura 19). A empresa, localizada em Ipeúna, está destinada a oferecer aos pequenos produtores, produtores independentes e produtores artesanais, a oportunidade de envasar sua cerveja. As cervejas produzidas no município têm alcançado alguns prêmios em competições e isso tem chamado à atenção de apreciadores e degustadores da bebida.

Figura 19: Fábrica de cerveja artesanal Brew Center – Ipeúna/SP



Fonte: Sibeli Fernandes. Trabalho de Campo, 2017/2018; Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP, 2017.

É importante citarmos que não se sabe ao certo de onde vem as matérias primas para a confecção desses produtos. Porém, como estratégia para o turismo, seria interessante que os empresários investissem em pontos de comercialização da bebida, harmonizando a cerveja com alguma culinária típica encontrada no município, o que poderia acentuar o

interesse das pessoas em visitar o município, com o intuito de conhecer o produto, além de poder tornar-se um atrativo para turistas que estão no município por conta de outros motivos. Deste modo, a cerveja produzida em Ipeúna é uma potencialidade para o turismo no município. Ainda no sentido do turismo gastronômico, dissertaremos sobre outra especificidade ipeunense, sua denominação como “Capital da Agricultura Natural”.

Como já indicado, Ipeúna foi nomeada a “Capital da Agricultura Natural”, isso se dá principalmente por conter em seu espaço a empresa Korin, que tem como princípio a comercialização de produtos saudáveis, alimentos orgânicos e sustentáveis, tais como: frango, carne bovina, mel e cereais, entre outros. A empresa possui uma loja para comercialização de seus produtos, o que de certa maneira já atrai um público específico para o município.

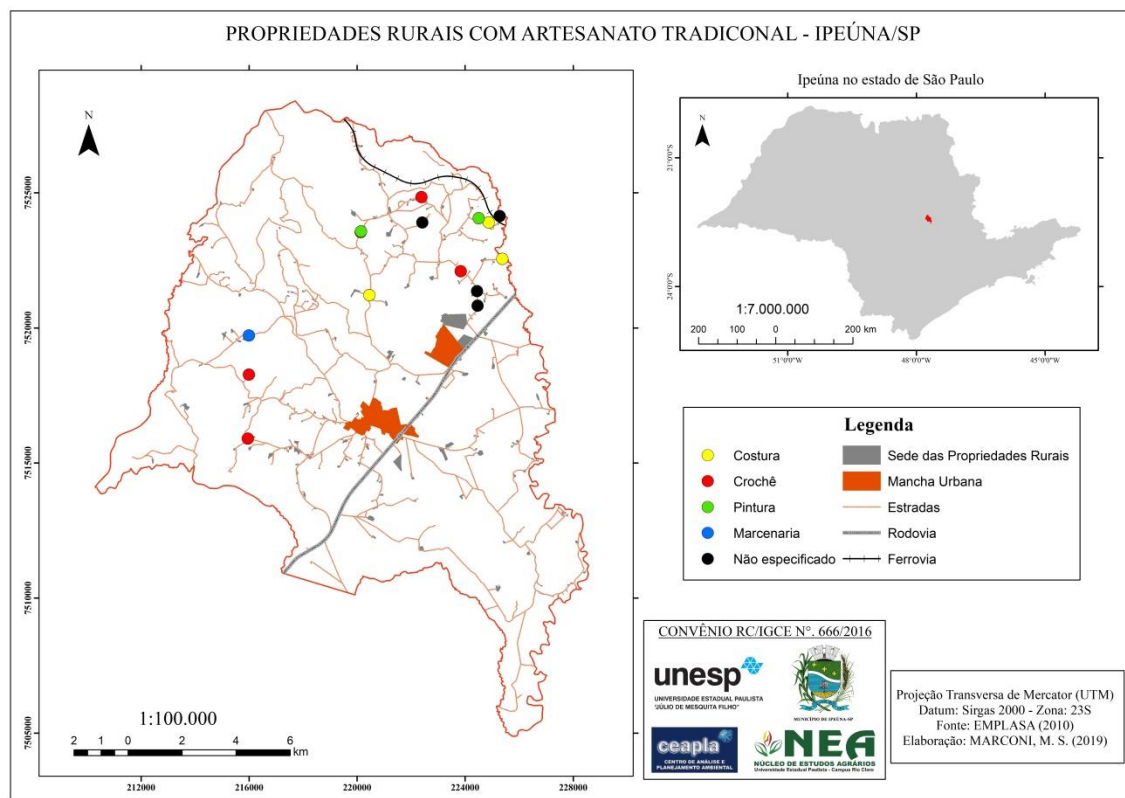
Pensando na contribuição desses fatores para o turismo, seria muito interessante que empresários e donos de restaurantes utilizassem produtos naturais para confecção de alimentos em seus estabelecimentos, visto que essa poderia ser uma estratégia e um diferencial para atrair visitantes e turistas nos horários de almoço, durante o período em que estiverem em Ipeúna. Isso seria uma forma de aliar ainda mais o turismo com a questão da agricultura natural do município.

Analisando as propriedades rurais do município através de nossa pesquisa, pudemos perceber que há quase uma inexistência de agricultores interessados na produção natural e que apenas dois produzem alguma matéria prima para a Korin. Entendemos então, que a iniciativa de nomear o município como a “Capital da Agricultura Natural” resulta de certa forma por ele conter em seu espaço a Korin, empresa que atualmente tem se apresentado como a maior empregadora do município. Não cabe a este trabalho discutir sobre essa questão, porém é importante ressaltarmos que como Ipeúna já é considerada a capital da agricultura natural e atualmente é um município de interesse turístico, seria interessante buscar estratégias que aliem esses dois fatores e que sejam positivas para o desenvolvimento rural do município, ou seja, transformar esses títulos em ações realmente positivas para a população rural e urbana.

Para tomarmos conhecimento das práticas relacionadas à confecção de artesanatos nas propriedades rurais de Ipeúna, fora perguntado aos entrevistados se alguns dos membros de suas famílias produziam algum artefato dentro desta modalidade. Dessa forma,

percebe-se pela análise dos resultados dessa questão, que somente 15 pessoas relataram exercer alguma atividade artesanal. Esses resultados podem ser verificados na leitura espacial do mapa 11.

Mapa 11: Propriedades rurais com artesanato tradicional – Ipeúna/SP



Como já citado, apenas 15 propriedades apresentaram resposta afirmativa sobre a confecção de algum tipo de artesanato. O baixo número de propriedades onde são exercidas essas funções nos permite dizer que essas atividades, que geralmente são características marcantes da população residente no campo, estão sendo perdidas no espaço rural de Ipeúna.

Analisando as atividades artesanais existentes no município através do mapa 11, percebe-se que o crochê e a costura foram as mais citadas; outras relacionadas à pintura e a marcenaria também apareceram, porém em menor expressividade; já em quatro propriedades os atrativos não foram especificados. Dessa forma, com a leitura cartográfica, entende-se que mesmo não apresentando um número tão significativo, a maioria das

propriedades com confecções artesanais estão localizadas a nordeste do território ipeunense. Ressaltamos que nessa parte do município se encontra o assentamento Horto de Camaquã.

Atualmente o município possui uma loja de artesanatos, localizada no centro de Ipeúna, na qual são vendidos diversos tipos de produtos (figura 20).

Figura 20: Loja de Artesanatos situada no centro da cidade de Ipeúna/SP

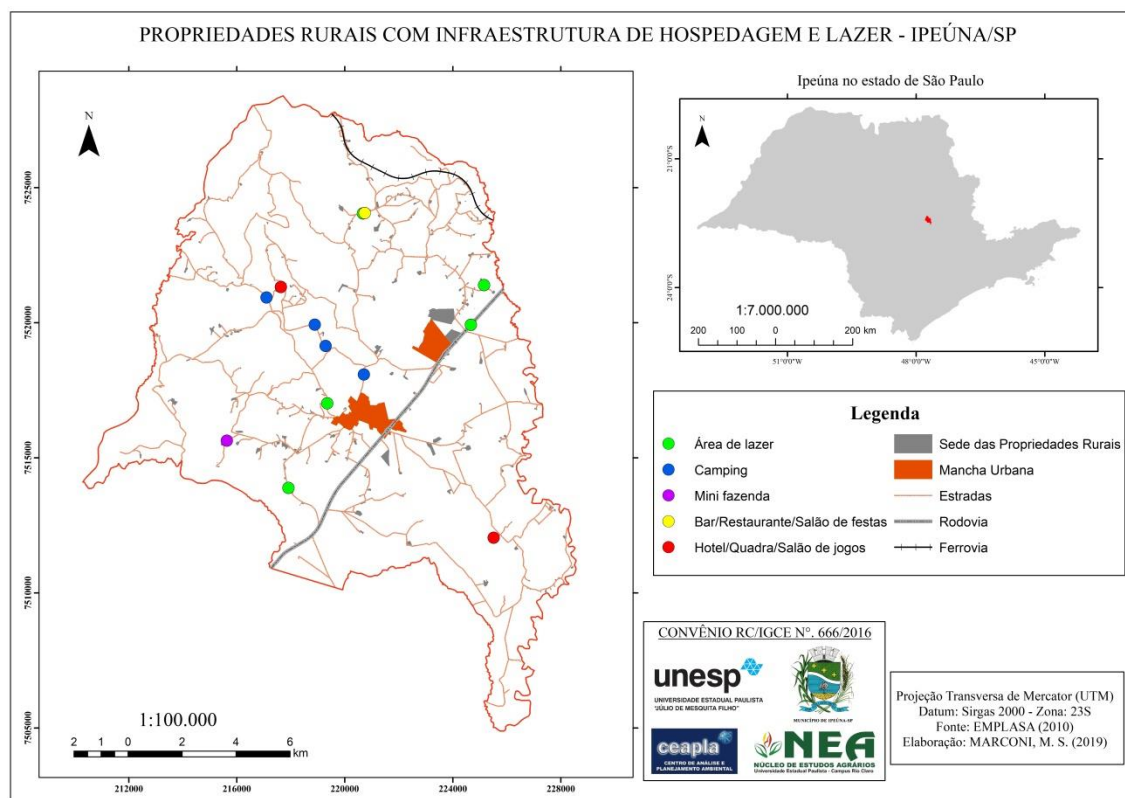


Fonte: Sibeli Fernandes. Trabalho de Campo, 2017/2018.

Pensando no desenvolvimento do turismo e no baixo número de propriedades que se apresentaram como potenciais para a confecção artesanal, faz-se necessário criar formas de estímulo para recuperação de práticas relacionadas a esta modalidade, visto que objetos artesanais costumam chamar atenção de turistas que sempre querem levar presentes típicos da localidade visitada para familiares e amigos. Essas ações podem contribuir positivamente em rendimentos extras para a população que mora no campo, ou seja, os artesãos podem vender seus produtos e movimentar a economia local, gerando renda, empregos e manutenção de suas famílias.

Se tratando de turismo e entendendo esta prática a partir do seu efeito multiplicador, é evidente que algumas infraestruturas são fundamentais para que o município o desenvolva de forma ampla e positiva, oferecendo ao turista outros tipos de serviços. Esses fatores estão relacionados aos meios de hospedagem, tais como: hotéis, pousadas, campings, entre outros. Dessa forma, o (mapa 12) indica os pontos relativos a essas infraestruturas, ressaltando a localização e como elas estão distribuídas em Ipeúna.

Mapa 12: Propriedades rurais com infraestrutura de hospedagem e lazer – Ipeúna/SP



A partir da leitura do material cartográfico, percebe-se que foram identificadas no espaço rural de Ipeúna áreas de lazer, campings, mini fazenda, restaurante e um hotel. Propriedades que além de possibilitarem a pernoite de turistas, também possuem outros elementos para permanência destes no local, tais como: piscinas, áreas verde, rios, cachoeiras, ou seja, são locais onde a pessoa pode descansar, mas também realizar atividades durante a estadia. Em relação à localização, nota-se que a maioria das propriedades estão situadas próximas à *Cuesta*, que como já verificado, exerce expressiva influência para as práticas turísticas em Ipeúna. Esta proximidade é muito importante, pois permite e possibilita ao turista, maior facilidade de locomoção durante o desenvolvimento de suas atividades.

Nesse sentido, ressaltamos a importância da hospedagem para o desenvolvimento do turismo em área rural, visto que as pessoas necessitam de lugares estruturados para descanso e que ofereçam uma série de possibilidades para desenvolvimento de atividades

que contemplem especificidades que o campo pode oferecer, ou seja, lugares que valorizem a demanda procurada pelo turista e que facilitem sua permanência. Com isso, destacamos que as principais infraestruturas já encontradas no município são: O hotel Pousada Country; Camping Recanto do Passa Cinco, Camping Bambuzinho (figura 21) e o Camping e cachoeira do Nenê. Segundo o Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP (2017), o município também se destaca pelas possibilidades de hospedagem em ranchos e chácaras em propriedades rurais.

Figura 21: Hotel Pousada Country, Camping Recanto do Passa Cinco e Camping Bambuzinho – Ipeúna/SP



Fonte: Sibeli Fernandes. Trabalho de campo, 2017/2018.

Percebemos o turismo como algo novo para o município e que de certa forma ainda não há um expressivo número de propriedades oferecendo estruturas de hospedagem. Em uma entrevista realizada no dia 23 de agosto de 2019, com duas figuras proeminentes do cenário político, social e econômico do município, sendo um deles o Coordenador de Turismo e o outro um empresário local, fora perguntado se o município de Ipeúna estaria neste momento, preparado para hospedar turistas. Com relação ao tema, os entrevistados apresentaram ideias distintas, pelo fato de que para um deles a hospedagem não é um problema para o desenvolvimento do turismo em Ipeúna, porém, para o outro, esta é uma das principais demandas que precisam ser resolvidas.

Hospedagem eu nunca tive essa preocupação por causa dos números de chácaras que levantei a partir de um inventário turístico que fiz, onde visualizei centenas de chácaras, que até me impressionaram. Então, eu ainda não vejo hospedagem como um problema. Ipeúna possui muitas chácaras de aluguel, tem a pousada Country, um novo hotel que tem abrigado eventos, chamado Hotel da Serra. Ele está sendo uma nova possibilidade, pois as pessoas têm ficado encantadas com o hotel. O Portal dos Nobres eu vejo uma influência positiva na parte de dormitórios, alojamentos, lá tem muitas chácaras. As pessoas dormem lá e fazem trilhas. Eles têm uma característica de chácaras de aluguel, as pessoas compraram estes imóveis para o aluguel. Lá há possibilidades de muitos turistas ficarem, já fica uma grande parte deles. Por isso eu nem vejo Ipeúna com problemas de hospedagem, nas cidade também tem muitas, mas lá é o berço. O pessoal nem procura aqui, já tem esse contato, se eu for para Ipeúna eu fico no portal, tem chácaras de amigos que eles podem alugar, então ainda tem toda a questão de segurança lá, represa para a prática da pesca. O que precisamos é divulgar mais, mas ainda não tem esse problema ainda de não ter locais para as pessoas ficarem. Eu não vejo esse problema (M. P. S, 2019).

Nota-se que a fala de M. P. S, 2019, demonstra que há um número expressivo de propriedades que podem servir como meio de permanência para turistas. No ponto de vista do entrevistado essa questão não é um problema para o desenvolvimento do turismo no município, visto que, mesmo com o baixo número de hotéis e pousadas os turistas podem recorrer a permanência em ranchos e chácaras. Porém, para I. P. J, 2019

Hospedagem é limitadíssimo. A hospedagem seria limitadíssima hoje, só temos o Hotel Pousada Country. Mas aí teríamos que ver como está a situação do hotel lá. Eu não lembro direito, mas acredito que tem sessenta ou setenta leitos ou mais, já é alguma coisa para ajudar. Agora se o pessoal vem para Ipeúna, acaba se hospedando em Rio Claro, Charqueada ou até em São Pedro. Com relação as chácaras, as chácaras tem menos visibilidade. O indivíduo vai se hospedar em chácara. Isso é veraneio, o cara vai fazer um churrasco com a família, ele pode alugar em Rio Claro, uma edícula e fazer. Hospedagem é hospedagem. É para o cara ficar dignamente.

Como pode ser verificado I.P.J, 2019, não vê as formas de hospedagens atuais estruturadas para o recebimento de turistas e acredita nisso como um dos principais pontos que o município deve buscar melhorias. Para o empresário os investimentos nessa área são de profunda importância e devem ser tratados como prioridade para que o turismo avance.

Sendo assim, é necessário que o Poder Público analise as demandas que o município possui, priorizando os tipos de hospedagens que já são procuradas pelos turistas que

frequentam Ipeúna. Com isso, deve-se levantar as demandas, alertar e dar suporte aos interessados em investir nessas infraestruturas. Sabe-se que turistas têm interesses diferentes, principalmente quando o assunto é hospedagem, ou seja, o mesmo público que prefere pernoitar em campings, chácaras e ranchos, muitas vezes, não são os mesmos que optam por se hospedar em hotéis e pousadas. Cabe então, aos agentes interessados verificarem essa questão para que todos os turistas possam ser contemplados, reduzindo assim os problemas futuros e desenvolvendo o turismo de forma estruturada.

5.2 Turismo em Ipeúna: A importância de políticas públicas e incentivos

Como já citado, o turismo é algo novo para Ipeúna. Dessa forma nota-se que na prática, o município ainda não está completamente preparado para esta atividade. O MIT, já trouxe alguns benefícios, principalmente financeiros, visto que, Ipeúna agora recebe para investir no turismo. Porém, percebe-se que como a iniciativa de desenvolvimento desse processo parte inicialmente do Poder Público e de uma pequena parcela de empresários e proprietários rurais. Verifica-se que a maioria da população urbana e rural, ainda não está envolvida com a atividade, além de possuírem questionamentos receosos sobre os benefícios que o turismo traria para o município. Uma das respostas para essa questão pode estar na faixa etária das pessoas que estão vivendo no espaço rural de nossa área de estudo.

Durante a caracterização do espaço rural de Ipeúna e aplicação dos questionários, pudemos obter dados sobre a idade da população residente no campo. Isso nos possibilitou percebermos que o rural de Ipeúna está sofrendo o processo de envelhecimento. Esse fator pode dificultar a implantação do turismo, pois geralmente a população idosa já possui certa estabilidade financeira e desinteresse em realizar investimentos novos e incertos. A tabela 2 expõe os resultados referentes à idade populacional no campo ipeunense.

Tabela 2: Quantidade de pessoas por faixa etária vivendo no espaço rural de Ipeúna/SP

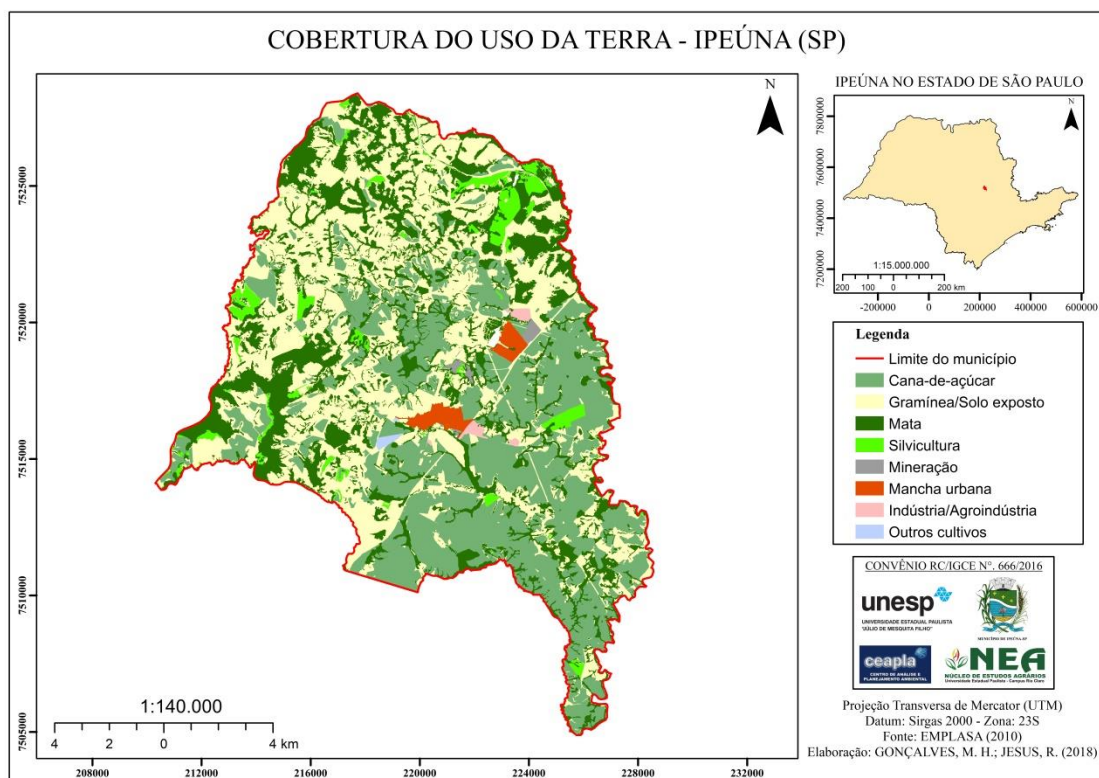
Idade	Quantidade de pessoas
0 a 1 ano	10
2 a 5 anos	15
6 a 10 anos	34
11 a 15 anos	31
16 a 20 anos	39
21 a 30 anos	70
31 a 40 anos	71
41 a 50 anos	110
51 a 60 anos	121
60 anos ou mais	142

Fonte: Banco de dados da pesquisa “Desafios e práticas para o desenvolvimento da agricultura natural e do turismo em espaço rural no município de Ipeúna-SP”. Organização: MARCONI, M. S.

Dessa forma, verifica-se que o número de jovens vivendo no espaço rural de Ipeúna é inferior ao de adultos e idosos, podendo se observar que a maior parte da população se

encontra a partir da faixa de 41 anos de idade. O envelhecimento no campo, muitas vezes, é produto da falta de oportunidades de trabalho para os jovens, pois atualmente as propriedades estão cada vez mais tomadas pelas monoculturas (principalmente cana e soja), o que no caso de Ipeúna, não é diferente (mapa 13). Com isso, ocorre a diminuição da mão-de-obra e da permanência de pessoas no campo.

Mapa 13: Cobertura do uso da terra – Ipeúna/SP



Entende-se que o turismo quando incorporado nas propriedades, pode gerar os seguintes benefícios: rendimentos e manutenção das famílias no campo, manutenção da paisagem rural, permanência do jovem no campo e estratégia contra o avanço de monoculturas, principalmente da cana, que como podemos perceber na leitura do mapa 13, está muito presente em Ipeúna. Seguindo por este caminho, cabe ao Poder Público e aos órgãos envolvidos no turismo desenvolver políticas públicas de incentivo, para que essas pessoas possam compreender como o turismo pode ser uma prática positiva para as famílias rurais e para Ipeúna.

Com relação a isso, é necessário que o Poder Público e o COMTUR trabalhem para que o turismo realmente aconteça no município, conscientizando as pessoas de que investir no turismo pode ser uma estratégia positiva para a questão do emprego e manutenção das famílias no campo a partir de novas formas de rentabilidade. Entende-se que são essas pessoas que farão o turismo de Ipeúna acontecer, e ele só ocorrerá se realmente houver o interesse da população e dos proprietários rurais, ou seja, de nada adianta os potenciais apresentados por este trabalho e suas localizações no território, se não houver políticas públicas de incentivo, orientação e capacitação para proprietários e moradores rurais.

CONCLUSÃO

Diante da pesquisa desenvolvida pudemos perceber que Ipeúna possui uma série de elementos que dão possibilidades para o desenvolvimento do turismo em sua área rural. As leituras dos materiais cartográficos expostos durante este trabalho permitem a visualização desses potenciais no território ipeunense.

A literatura exposta permite tipificarmos o turismo de Ipeúna, partindo das três principais tipologias, sendo elas: o Agroturismo, o Turismo Rural e o Turismo em Meio Rural ou em Área Rural, entendidas aqui como sinônimas. Dentre essas três tipologias, compreende-se que a última é a que mais se identifica com as potencialidades turísticas de Ipeúna, visto que é a mais abrangente, ou seja, engloba outras formas de turismo, onde qualquer forma de empreendedorismo situado no rural já é considerada dentro dos parâmetros para esta modalidade, enquanto as outras possuem especificidades, as quais de certa forma já foram exploradas durante a revisão bibliográfica deste trabalho.

Segundo a análise dos resultados desta pesquisa, o turismo em Ipeúna ocorre em área rural, sendo caracterizado por uma série de potencialidades ligadas ao apelo paisagístico e natural que o município possui, proporcionando tanto atividades ligadas ao lazer, como para a prática de esportes radicais e de aventura. Com isso, percebe-se que a partir dessas características multifuncionais da paisagem de Ipeúna, seu espaço possui vocação expressiva para modalidades turísticas voltadas ao ecoturismo, turismo esportivo e de aventura.

Aliadas a esses aspectos proporcionados por elementos naturais e paisagísticos, ressaltamos que também foram identificadas potencialidades ligadas à cultura rural, festas religiosas, a gastronomia, arquitetura, ao artesanato e a hospedagem. Essas, que mesmo se apresentando como atrativos de menor representatividade são fundamentais para que o município realize um turismo integrado, ou seja, que possibilite ao turista uma série de possibilidades que vão além daquelas que o motivou visitar Ipeúna.

Desse modo, entendendo as especificidades encontradas no município de Ipeúna e em sua área rural, podemos concluir que o turismo é algo novo para o município e ao levantarmos os potenciais verificamos que há elementos que dão forma a ele. Percebe-se que alguns fatores podem ser negativos para o avanço da atividade turística no município,

sendo eles as barreiras criadas por alguns proprietários contrários à ideia do turismo e as divergências de opiniões entre políticos e empresários.

Compreendendo a importância do papel desses agentes para o desenvolvimento do turismo em Ipeúna, cabe agora indagarmos como o Poder Público intermediará o desenvolvimento dessa atividade, dando suporte e mostrando aos proprietários as potencialidades e os benefícios que o turismo pode trazer para a organização do espaço rural de Ipeúna-SP.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, F. F. Cultura e desenvolvimento rural: as experiências LEADER e PRODER na Espanha. **II Encontro de Grupos de Pesquisa.** Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 20 a 22 de junho de 2006, 18 p.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural.** Brasília, DF, 2003.
- BRICALLI, L. C. L. **Uma Contribuição ao Estudo das Tipologias do Turismo Rural.** Santa Maria, Ed. Do Autor, 2003. Série Dissertações; n.4.
- CAMPANHOLA, C. GRAZIANO, J. S. O Agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: **Turismo Rural Ecologia, Lazer e Desenvolvimento.** Bauru, SP: EDUSC, 2000. Coleção Turismo. p. 145-179.
- CANDIOTTO, L. Z. P. Elementos para o Debate Acerca do Conceito de Turismo Rural. **Revista: Turismo em análise.** v. 21, n.1, abril 2010. p. 3-24.
- CARNEIRO, M. J.; MALUF R. S. (org.). **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. p. 17-26.
- CORREIA, T. P. Multifuncionalidade da Paisagem Rural: Novos desafios à sua análise. **Revista: Inforgeo.** Julho 2007. p. 67-61.
- CRUZ, R. C. A. **Introdução à Geografia do Turismo.** São Paulo: Roca, 2001.
- DUARTE, T. S.; SALAMONI, G. Turismo no Espaço Rural e Imigração Italiana: O caminho colonial do vinho no 8º distrito do Rincão da Cruz, Pelotas/RS. In SALAMONI, G.; COSTA, A. J. V. **Agriculturas Familiares Estratégias de reprodução social e territorial.** Pelotas/SC ed. UFPel, 2013 p. 190-211.
- ELESBÃO, I. **Transformações no espaço rural a partir do turismo: um olhar sobre São Martinho (SC).** 2007. 328 f. Tese (Doutorado de Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.
- FERNANDES, S. **A organização do espaço rural: estrutura e lógica das propriedades rurais familiares em Ipeúna/SP.** 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.
- FERREIRA, D. A. O. MAIA, A. C. Contribuições da ciência geográfica para as discussões sobre a relação multifuncionalidade do rural e turismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, n. 7º, 2010, Presidente Prudente. **ANAIS...** Presidente Prudente: FCT-UNESP, 2010. p. 1-16.
- GERALDO, J. C. **Contribuição para a caracterização das atividades de turismo em espaço rural em propriedades de médio e grande porte na zona de cuevas do Estado de São Paulo.** 2012. 181f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

GONÇALVES, M. H. **A Representação da Distribuição da Cultura Canavieira por Meio de Sensores Remotos no Município de Ipeúna/SP**, 2018 (mimeo), p. 1-10.

GRAZIANO, J. S. O Novo Rural Brasileiro. **Revista: Nova Economia**. Belo Horizonte, 1997. p. 43-81.

GRAZIANO, J. S.; DEL GROSSI, M. E. O Novo Rural Brasileiro. **Oficina de Atualização Temática, Ocupações Rurais Não-Agrícolas**, 1999. p. 165- 173.

GRAZIANO, J. S.; VILARINHO, C.; DALE, P. J. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: UFSM (ed.). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Santa Maria: UFSM, 1998. p.11- 49.

GRAZIANO, J. S.; VILARINHO, C.; DALE, P. J. Turismo em Áreas Rurais: Suas possibilidades e limitações no Brasil. In: **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000. Coleção Turismo. p. 15-62.

GUIOMAR, N.; FERNANDES, J. P.; NEVES, N. **Modelo De Análise Espacial Para Avaliação Da Multifuncionalidade Potencial Do Espaço**. Actas do X ESIG, Oeiras, Portugal, maio 2008. p. 215-226.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. @**idades** <https://idades.ibge.gov.br/brasil/sp/ipeuna/panorama>. Acesso em 16 junho/ 2019.

KORIN. **Ipeúna agora é cidade turística**. Disponível em: <http://www.korin.com.br/blog/ipeuna-capital-da-agricultura-natural-firma-se-como-cidade-turistica/2018/08>. Acesso em: 16 set. 2019.

MACHADO, H.M. de F.G. **Uma história para Ipeúna**. 2004. 158f. Dissertação. (Mestrado em Geografia). IGCE, Unesp, Rio Claro, 2004.

MATOS, P. F.; PESSÔA, V. L. S. **A Modernização da agricultura no Brasil e os Novos Usos do Território**. Geo UERJ, ano 13, n. 22, v. 2, 2º. Semestre de 2011, p. 290-322.

MORENO, L. F. P. **Geografia do turismo: o Brasil no contexto do turismo internacional**. Universidade Estadual Paulista FCT/Presidente Prudente, 2008. p. 1-12.

PEREIRA, E, R.; FERREIRA, D. A. O. Camponeses e Agricultores Familiares – Caminhos e Descaminhos em Contextos de Pluriatividade. **Estudos Agrários: Conceitos e práticas**. Rio Claro/SP ed. Programa de Pós-Graduação em Geografia- PPGG, 2009. p. 215-229.

Plano Diretor de Turismo Ipeúna/SP. Disponível em: www.ipeuna.sp.gov.br/turismo/LEI-1325-Plano-Diretor-de-Turismo-de-Ipeuna.pdf. Acesso em: março/2019.

Prefeitura Municipal de Ipeúna/SP. Disponível em: <https://ipeuna.sp.gov.br/>. Acesso em: abril/2019.

RODRIGUES, A. B. Turismo Rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: **Turismo rural**. São Paulo: Contexto, 2001. Coleção Turismo Contexto. p. 101-116.

SCHNEIDER, S. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1ªed., 2003.

SOUZA, A M.; CORRÊA, M. V. M. **Turismo – conceitos definições e siglas**. 2ª ed. rev. Manaus, Editora Valer, 2000.

TULIK, O. Turismo no Espaço Rural: Segmentação e Tipologia. In: **Turismo Rural Patrimônio, Cultura e Legislação**. Santa Maria, Editora FACOS – UFSM, 2006. p. 107-117.

VIEIRA, L.B.; et al. Potencial espeleológico da Serra de Itaqueri (SP): trabalhos sistemáticos de exploração, mapeamento, coleta e análise de materiais e dados. In: RASTEIRO, M.A.; MORATO, L. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 32, 2013. Barreiras. **Anais...** Campinas: SBE, 2013. p.281-291.

ZAINE, M. P.; PERINOTTO, J. A. J. **Patrimônios Naturais e História Geológica da Região de Rio Claro-SP**. Rio Claro: Câmara Municipal de Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1996. 91p.